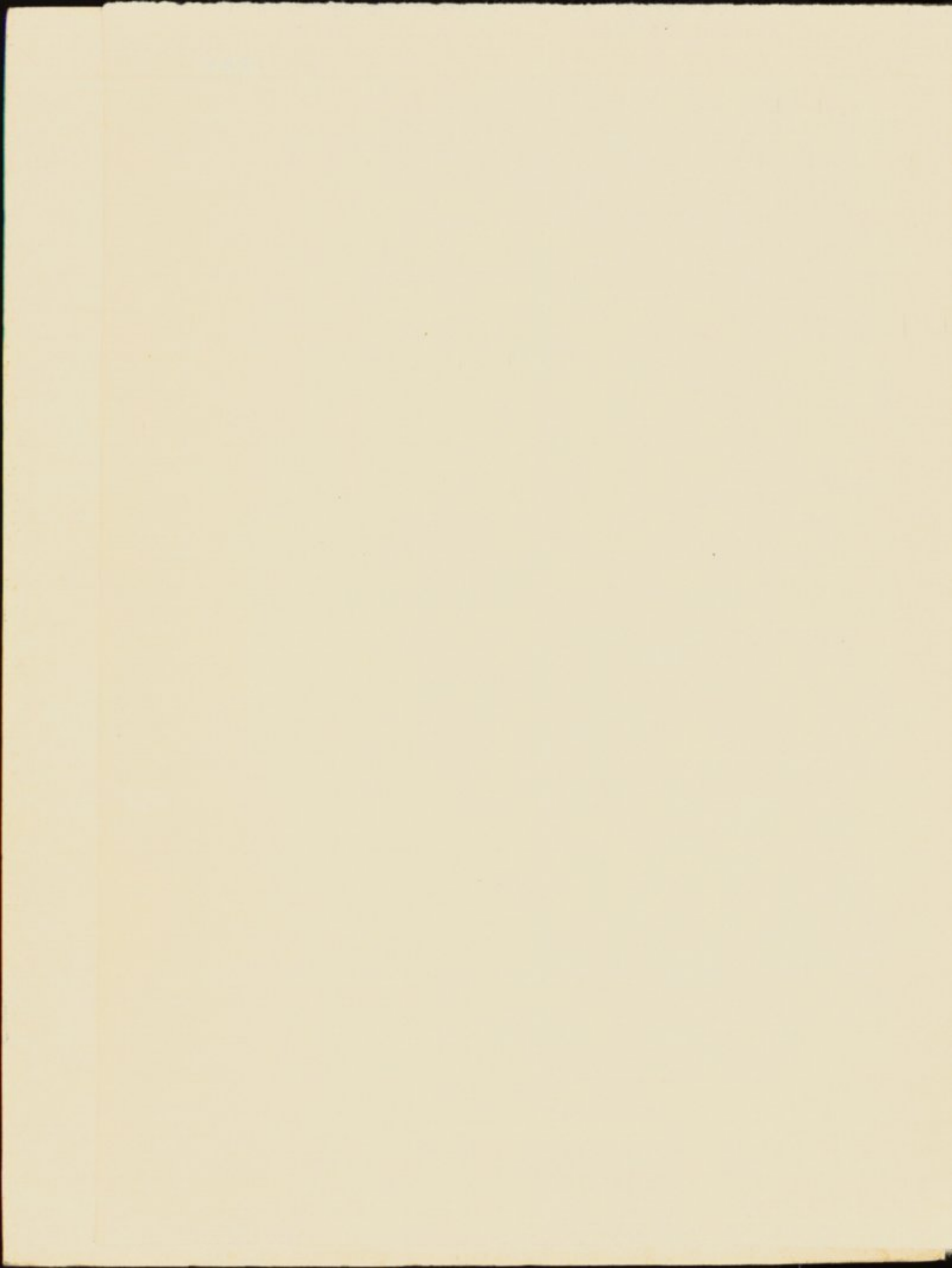


The first part of the document is a letter from the Secretary of the Board of Education to the Board of Trustees of the University of the State of New York. The letter is dated January 10, 1900, and is addressed to the Board of Trustees at Albany, New York. The letter discusses the proposed changes to the Board of Education and the Board of Trustees, and the need for a new Board of Education to be created. The letter also discusses the need for a new Board of Trustees to be created, and the need for a new Board of Regents to be created. The letter concludes with a request for the Board of Trustees to take action on the proposed changes.

The second part of the document is a report from the Board of Education to the Board of Trustees of the University of the State of New York. The report is dated January 10, 1900, and is addressed to the Board of Trustees at Albany, New York. The report discusses the proposed changes to the Board of Education and the Board of Trustees, and the need for a new Board of Education to be created. The report also discusses the need for a new Board of Trustees to be created, and the need for a new Board of Regents to be created. The report concludes with a request for the Board of Trustees to take action on the proposed changes.

The third part of the document is a report from the Board of Trustees of the University of the State of New York to the Board of Regents of the University of the State of New York. The report is dated January 10, 1900, and is addressed to the Board of Regents at Albany, New York. The report discusses the proposed changes to the Board of Education and the Board of Trustees, and the need for a new Board of Education to be created. The report also discusses the need for a new Board of Trustees to be created, and the need for a new Board of Regents to be created. The report concludes with a request for the Board of Regents to take action on the proposed changes.



I

«Llena só das memórias da vida
vale a pena guardar entre mil...»

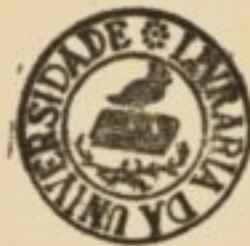
Garrett: Folhas caídas, no Livro
I, VI.

«Que se apresse aquele que quizer
guardar alguns fragmentos do passado
do para as saudades do futuro...»

Alex. Herkulano: Manje de Cis-
ter, vol. I, pag. X da 3ª edição

Este ano de 1911 foi tumultuoso e
foi, na verdade, de uma incerteza desagradável
para os que, como eu, se viam envolvidos
nos sucessos políticos.

Largado o Commissariado e desiludido co-
mo contei, veio depois a eleição para as
Constituintes que me deixou mais desiludi-
do ainda. O episódio da Liga Militar não
foi de molde a fazer reiparar em mim a
calma e a fé no novo regime. Via nos ho-



meus que appareceram grande contradicção com as afirmações feitas durante a propaganda; era necessario crear clientelas politicas, assegurar as votações até á ma quase totalidade, em mãos monarchicas; e assim, a constante admissão dos adversarios das resferas, veio trazer confusões, dissencções e desconfianças a muitos.

Não sei se foi bom se foi máo o sistema seguido; do lado republicano haveria em certos pecteres alguma boa fé; do lado monarchico é que a máo houve. Eotem dís do convencido.

A avalanche de adversos que encheu o partido historico, vinha com os propósitos de manter as posições creadas no regime monarchico e tirar o possível proveito da tolerancia e ausencia de pratica dos republicanos. Tu via esse desenvolver de factõ umas vezes sem atípico tem as consequençias, outras com manifesto desgosto; depois, as ameaças de insurreições realistas, o des credito provocado no estrangeiro por agencias papas e organizadas á custa de capitais dos monarchicos e especialmente da reacção ultramontana, causavam em.



liente inquietador que, por muito que quizessemos ser optimistas, era difficil conseguirmos.

Apesar das minhas desilusões, o certo é que não tive grande emenda...

Após deixar o Commissariado mantive-me isolado certo tempo e sem apparecer; o José Cardoso veio olhar-me a sair de casa para um comicio na Pauprilliosa da Serra como costumei; e em 5 de Março appareci num jantar que deram ao Paulo da Couto e me não supram em S.^{ta} Clara na igreja ao fundo da calçada, templo ha muito sem culto — jantar que era, por assim dizer, propiciatorio para a candidatura ás Constituintes.

Deste modo... saia dum e caia noutra. Enfim, era o bom desejo, até certo ponto, de fazer alguma coisa e, possivelmente, a esperança, mais ou menos agarrada, de melhores dias e tambem, como certa personagem de Stendhal, preso eufado com a minha ideia e não com a realidade,⁽¹⁾ ou se assim quizessem, um tanto ou quanto

⁽¹⁾ Vie de Henri Breillard, cap. 32.

como disse o nosso Sr. Antonio das Chapas;
«a cabeça é qual foi sempre e muito já»
"por minha culpa do que Deus a fez..."⁽¹⁾

Ora pois... As coisas são o que são
e vamos adiante.

Não me referi ainda a uns episódios
em q. fui campessa antes das eleições:
os cornícios de propaganda do novo regi-
me.

O José Cardoso, nascido na freguesia do
Fajão, concelho da Paupritosa da Serra, pen-
sava na sua terra possivelm.^{te} já com mira
na candidatura e conseguiu levar um gru-
po de rapazes a essa terra embora ainda
sem estrada praticavel.

Este grupo era constituído pelo Jaime
Cortezão, Manuel Marques dos Santos Ferver,
de Sernide, estudante de direito, Alberto Tor-
res Garcia, de Varzea de Góis, estudante de
ciencias e eu. Saímos de Coimbra, em
18 de Fevereiro, de madrugada, para alcan-
çarmos a delipencia no alto da serra, na ca-
lçada das Cabeçadas; aqui esperávam-nos
umas cavaletas que nos levavam durante

⁽¹⁾ Cartas espirituais, c. 29.^a da ed.^{ção} de Sá da Costa.

horas, por montes e vales, á vila da Pau-
pilhosa onde nos esperavam o inevitavel
fogueteiro e uma filarmónica com a ba-
rulheira costumada perante a curiosi-
do do povo que acudiu em tropel.

O corrcio foi no dia seguinte, Domín-
go, 19, a seguir á missa; uma especie de
carroto adornado com heras na praça
principal, era a tribuna de onde nós teria-
mos de arengar, lançando com palavras
suaves e simples todos os beneficios que
a Republica vinha trazer — cada qual tra-
zendo dum assunto que mais conhecesse.

Os homens ouviam com atençaõ mas
sem enthusiasmo. Até 5 de Outubro o
bancello era mais ou menos franco-
quista e a mudança de instituições não pa-
ria, de certo, ferozmente claramente con-
vencido. Mas cada um de nós lá disse
de sua justica e chegámos ao fim sem mo-
vidade.

Os amigos influentes politticos, depois,
vieram jogar pé, amavelmente; e se a
memoria me não traicõa, até o Brian, o
Padre Urbano, velho franquista (salvo erro)
veiu á palestra, atencioso e hospitaleiro...

Já em qualquer parte me referi a este P.^o Urbano, certam.^{te} na minha descrição da Associação a Pauferilhos em 1907;⁽¹⁾ mais tarde, no período agitado das confusões monárquicas fui visita-lo a Penitenciária onde estava preso.

Coisas da vida.

O dia, porém, foi bem passado, na paz da aldeia. O Jaime Cortezão com a sua figura apolínea e maneiras distintas cativara os magustos serranos e pentira, poisado nas suas barbas brancas um seu outro olhar feminino só habituado á rudeza da terra; o José Cardoso impunha-se pela franqueza com q. falava, insinuante e compreensivo; o conjunto agradara a todos, creio eu, a gregos e a tricianos.

E na madrugada seguinte lá voltamos nas mesmas cavaletas, com nervos cerrados que nos ia fazendo perder o caminho, até apañar a delicia á Cabeira da estrada; chegamos cheios de frio e estafados, mas com a certeza de que a Pauferilhos da Serra ficara republicarizada de

⁽¹⁾ Passes e viagens, v. II, pag. 237 e seq.^{tes}

uês e os velhos costumes políticos da Monarquia tinham desaparecido para sempre...

Bons tempos.

Depois foi Góis, terra de "raiva política", a escolhida pelo José Cardoso para nos receber na festa da Libertadora.

A 12 de Março lá fomos, num automóvel alugado, o José Cardoso, o Jaime Carrazão, o Augusto Casimiro, o Torres Garcia e o António Leitão e não me recardo se mais alguém. Madrugada fresca, estradas de Beira fóra, conversa alegre e boa disposição, foi como se começasse a passeata.

Em Góis, sendo anfitrião do industrial Francisco Inácio Dias Nogueira, fomos esperados cordalmente por um grupo de pessoas influentes entre os quais notei o velho amigo dr. José de Sousa Saraiiva, medico, companheiro de república em Coimbra de meu tio Francisco e me conhecia desde pequeno. Encaminharam-nos para o pé Salgado, a casa do comendador Galvão, rico feito no Brasil, espirito liberal que aceitou o novo regime de braços abertos e sem reservas.

Ali almoçámos agradavelmente, e depois lá fomos para a praça principal da vila arreyar ás turtas.

Não houve estrado ou palanque; os oradores faláram do largo alpendre dum prédio antigo e curioso onde morava o então Secretario da Câmara o Com e Honrado Aristides Martins Adão; ali se fizeram afirmações idênticas ás da Paup'rhosa de Serra, ouvidas com alguma mais também, segundo me pareceu, meu entusiasmo.

Em frente, quase, no proprio prédio e por detrás da cortina, o chefe politico Dias No. queira deveria estar atento, á escuta, e, lá no seu intimo, a rir.

À noitecer, na casa da escola, houve jantarada de gala a que o José Cardoso me obriçou a presidir; tive, por isso, de começar os brindes e de encerrar a sessão e o jantar com quatro galavras e um viva á Republica que ecoou fracamente pelo ambiente.

Enfim, mais uma jornada de boa-fé e com boas intencões que hoje, 50 annos passados e depois de tantas voltas que o mundo tem dado, e de tantas coisas que tenho visto,

Não sei se poderei afirmar que deu os resultados previstos pelos organizadores e pelos compassos como eu.

Depois, ainda fomos a S. João do Campo, a comitê do Jaime Cortezão. Foi um comício mais pacato, na casa da Escola Primária, em 19 do mesmo mês de Março, no Domingo seguinte ao de Goiás.

O Jaime obrigou-me a presidir e lá me sentei na cadeira do professor, no estrado alto, e dei a palavra ao José Cardoso, ao Jaime e não me recordo a quem mais.

Pouca gente assistiu apesar do prestígio da família Cortezão; mas notei grande numero de senhoras entre as quais a futura esposa do Jaime, reparo a morena de extraordinarios olhos negros que me deram muito na vista. Depois da sessão, eu antes (já me não lembro) o Dr. Antonio Augusto Cortezão, o sábio filólogo e velho republicano, ofereceu um almoço intimo que decorreu em ambiente muito interessante, m.^{to} calmo e com conversação de elevado nivel.

E assim o tempo foi correndo.

Vieram as eleições para as Constituintes já contadas em vol.² anterior; a vida do novo

regime ia seguindo aos encontros; e para mim, a vida caiu na monotonia da rotina do quartel de Infant.º n.º 23, com o serviço de inspecção ou prevenção, com uma ou outra diligencia — como a que tive que fazer á Figueira da Foz com o ten.º coronel Antonio Fernando do Rego Chapas, como escrivão de juridicancia a um capitão de Artellaria accusado de conspirar.

A accusação não se confirmou nesta altura mas veio a confirmar-se mais tarde, mas sem a minha intervenção.

Para variar e esquecer um pouco o mal estar politico, tive a m.ª parte na creação do primeiro jardim-escola João de Deus de que falei já anteriormente e com alguma largueza, nos volumes correspondentes aos annos de 1909 e 1910. Depois de varias peripécias em que appareceram boas vontades, a inauguração do edificio fez-se a 2 de Abril com grande concurrencia de gente especialmente de estudantes do Orfeão.

A sessão inaugural realizou-se ao ar livre; a mesa da presidencia ficou no pequeno atrio do edificio; e o Dr. Daniel de Matos accitou de boa vontade o encargo de presi-

dir á sessão que foi quase tumultuaria não por má intenção dos presentes mas pela irrequieta alegria dos académicos que se tinham, e com certa justiça, por padriños da interessante instituição escolar.

O Dr. Daniel couvidou-me para secretariar e ao dr. João de Barros já então Director Geral da Instrução no Ministerio do Interior.

Foi uma festa interessante, alegre, cheia de vida; e lembro-me de que o estudante Fernando da Silva Correia, de medicina, hoje aposentado de Director do Instituto Ricardo Jorge, foi para a varanda do 1.º andar, do lado do sul e recitou uma poesia; e lembro-me m.º de que o bom João de Barros, amigo paterno de João de Deus Barros, discursando, alludiu ao monoculo que usava desde estudante e que (dizia com certo entono) era mal visto nas repartições conselheiras do seu ministerio...

Erão ainda verduras dos seus pádios trinta annos e dos naturais enthusiasmos do começo do regime.

Bom João de Barros! Como me lembro dos tempos do liceu em que ele era já o paes

mo entusiasta, o mesmo generoso e bom rapaz, vivo e alegre!

Ha sessenta e tantos annos...

Quando elle morreu, ha pouco, tive ganas de escrever qualquer coisa, na revista Verdice, de Coimbra, a respeito dele; mas foi em má occasião da m.^a vida e o ambiente familiar não me deixava o espirito capaz de fazer uma evocação condigna.

Atto rememorar esta festa inaugural q. foi uma nota alegre no meio das preoccupações desagradaveis que me atingiam, lembro-me tambem de que, pouco depois, o João de Deus Ramos, sem dar quaisquer explicações, e esquecendo os serviços que os componentes da prim.^a direcção do Jardim-Escola lhe prestaram, desstituiu-os por outros á chucha-calada.

Se não gostei do acto por elle representar ingratição e incoherência, ao mesmo tempo estimei por me ver livre dum encargo que me pesava já alguma coisa. O João de Deus Ramos, passado tempo, encontrou-me e mal atendeu ao caso, alusões ligeiras que eu fingi não perceber; mas disse ainda que me explicaria um dia, etc.

Devo parecer deixar notado que, passa-
dos anos, ao encontrar-me e ainda uma
vêz, meses antes de morrer ⁽¹⁾, me afirmava
que nunca se esquecia dos serviços que eu
lhe prestara e que os deixava consignados
nas suas memórias para justiça futura.
Eu respondia apenas com um gesto largo de
quem quer dizer:

— O que lá vai, lá vai!

E assim se ia melhor eu ir á aguentan-
do os reflexos da constante agitação políti-
ca que cada vêz ia dominando mais e sem
parecer que melhorava.

E talvez, como reflexo dessas agitações,
tive um dia em que estava de serviço, uma
grande insubordinação por causa do rancho de
maquia. A maior parte dos soldados não le-
vantou o rancho; muitos lançaram-no ao
chão, outros falaram alto, protestando. Nun-
ca me tinha achado em tais assados e pro-
curei convencer os homens, perguntando
as razões do acto a uns, falando com energia
a outros, mas sempre paternalmente.

(1) Este encontro, no Museu João de Deus, á Es-
trela, ficou relatado no meu Diário.

Uns sargentos que ouviram a vozaria, intervieram e o caso pereceu, com franqueza, quase sem explicações. Os homens foram para os seus trabalhos e eu fiquei sem ver bem o que aquilo foi.

Tentativa de insubordinação que falhou? Meu jornal, querendo recolher o caso, deu uma explicação que não correspondeu á verdade⁽¹⁾; fosse o que fosse, o facto é que apresentou meu sintoma.

Conscientemente teria havido alguma coisa intencional e preparada?

Começou depois a saber-se que officiaes do ex.^{to} desertavam e iam para a Galiza juntar-se ao nucleo de resistencia chefiado por Paiva Couceiro; entre eles foi me leve o meu condiscipulo e amigo teorico de Saupais Saburis Pires e ás claras, com o assentimento e auxilio do governo espanhol, organizavam-se, faziam exercicios nas ruas das cidades fronteirizas, preparavam do uma intervenção armada no País, á moda das incursões do conde de Amarante nos co-meços do Constitucionalismo.

(1) Na pasta da collecção de recortes.

Em Espanha, os jornaes cartistas, a meu respeito, «preparavam a guerra santa contra a Republica Portuguesa e exaltam os emigrados monarchicos» como o jornal A Luta, de Lisboa, publicou em seu numero (1) e o di-
reheiro não faltava porque a Companhia de Jesus era a generosa financiadora destes at-
tados contra a Patria, alem de sustentar as
agencias noticiadoras principais. A de Ba-
dajoz que tapava, á mais pequena desor-
den em Lisboa, aterradas noticias de re-
voltas e morticínios.

Ainda ha poucos, releudo uns artigos
do Dr. José de Magalhães publicados n' A Luta
por essa altura, ele escrevia, a meu ver
com cavadas de razão, que era Roma, go-
vernada pelos jesuitas á frente dos quais es-
tava um cardinal espanhol, quem tudo ma-
nobraava na sombra, bem na sombra, mas
com a perbinacia e a agudeza de Remfre. (2)

Com tudo isto cresceu a inquietação geral
e todos os malefícios inerentes carregavam a
atmosfera. Não se sabia bem o que se tra-

(1) Numero de 13 de Julho de 1911.

(2) Numero de 16 de Outubro de 1911.

maiva e havia a certeza de que a Espanha procurava motivos, fúteis que fossem, para reclamações semão mesmo para uma intervenção armada.

O ministro que então a representava em Lisboa era conhecido como provocador e, se bem que tímido, havia todas as cautelas com ele para que não surgisse qualquer novidade de maior.

Suspeitas constantes, denúncias, desconfianças deste e daquele, na maior parte das vezes sem justificação — tudo ocasionou mal estar que difficilmente os mais calmos e optimistas conseguiram desfazer. Foram tempos máis, esses, em que o desânimo entrou em muitos republicanos, em q. in sensivelmente se começaram a duvidar do triunfo do novo regime; e como nas altas esferas políticas o desacordo se mantinha e até aumentava, o ambiente era cada vez mais carregado e incerto.

Por Coimbra, desaparecida a união do Partido Republicano, os interesses políticos dos agrupamentos incipientes, começaram a debater-se e, deve dizer-se, com impetões pouco próprios para consolidar o regime e

seu respeito pelas afirmações de austeridade feitas nos comícios e na propaganda dos jornais.

O Dr. Afonso Costa foi o fulcro a volta do qual ficou gravitando a estrutura organizada do velho partido histórico; e os homens que nele ficaram integrados, alegando separabilidades foram de uma intolerância por vezes pouco digna.

Com o Dr. António José de Almeida e com o Dr. Brito Camacho ficaram grandes vultos da propaganda, especialmente com o segundo — mas considerados por aqueles como desideretes e com tendências reaccionarias.

Do Dr. Ant.º José de Almeida ouvi eu dizer quando foi da vinda a Coimbra, nos meados de Outubro de 1910 para dar posse de reitor da Universidade ao Dr. Manuel de Arriaga e conversas animadamente durante o almoço no Gov.º Civil e se previa a actual constituição de partidos:

— Agora, meus amigos: sempre para a esquerda!

Não garanto, ao fim de meio século, se as palavras foram estas exactamente; creio que sim mas se não foram estas o

seu lado era este. Para a esquerda, para a
a esquerda !...

Bom e pontador Antonio José de Almeida!
Ele, o bom, o tolerante, o apaziguador,
capaz de se sacrificar pelos outros, a falar
em esquerda com gesto largo !...

Nessa altura, eu inexperiente mas bem
intencionado, ao ouvi-lo, tive a impressão,
ainda assim, de que aquelas palavras ani-
madas, saíam pelo seu lado; ao meu lado
o Antonio dos Santos Silva comentava a
afirmação com certo entusiasmo — mas a
verd. é que aquilo soava-me a falso...

Se na ocasião o dr. Almeida falava con-
victo, com o tempo não comprovou a frase.
A comprovação não lhe estaria na índole.

O dr. Brito Cavalcante era outro homem.
Superiormente inteligente, duma argúcia
extrema, era creatura mais de gabinete, tal-
vez com poder apaziguador, capaz de estu-
dar, mirar e revirar um assunto; reunia
à sua volta grande grupo de individuos de
escol, sem duvida e certamente o maior e
melhor numero de republicanos da propa-
ganda — agrupamento politico capaz de
orientar bem o novo regime.

Porem, no campo eleitoral, na tinha
força; nas câmaras conseguia apenas redu-
zida maioria. A superiorid.^{de} intelectual
do partido parece que assustava a massa
eleitoral que só vibrava com o baixo pala-
ureado do jornal do Franco Breyer — órgão
quase do velho partido histórico, de onde so-
das as insidias saíam e injúrias contra
os outros partidos e seus representantes.

É assim, ainda naquele período prepara-
tório do Governo Provisorio, a cisão se ma-
nifestou: É certo que as correntes políticas
já vinham mais ou menos claras dos tem-
pos da propaganda e nada admira que elas
depois se accentuassem; mas o que foi con-
frangedor foi o aspecto de certa violencia, bas-
tante réles até, que tomou a reparação e,
sem duvida e sem má vontade da minha
parte, esse aspecto foi devido á intolerancia
dos que ficaram dentro do partido histórico
e á fraca mentalid.^{de} dos que rodeavam o dr.
Afonso Costa entre os quais havia adesivos
da prior especie, a começar pelo irmão Artur
que de chefe regenerador em qualquer conceito
da Beira Alta (não me lembro qual) passou
a chefe democratico de influencia, apoiado

por outros políticos e caciques monarqui-
cos de idêntico rumo já jaz.

De tudo isto veio a barafunda política
em que se caiu, por detrás da qual os inimi-
gos do regime e, estão convencido, em
especial, a Campaניה de Jesus souberam
manejar toda a especie de cardeais e cardeali-
nhos para se chegar ao nunca assaz louva-
do movimento regenerador de 28 de Maio.

Era, na verd., campanha para ver como
se querrevam uns e outros enquanto os
monarquicos iam fazendo as suas filiações
principalmente no partido historico e iam
tramando á vontade a possível queda da Re-
publica.

Mas não autecifemos.

Tudo o que digo e sabido e bem sabido
dos honreus que ultrapassaram os 60 annos
e foram contemporaneos dos successos

Adiante, pois.

Foram, como disse, tempos maus, de
soluesaltos e incertezas que me deixaram tão
tas recordações

Ora nesse anno de 1911 fui, e pela pri-
meira vez, em Agosto, passar uma tempo-
rada á Quintaola da Paz, nos arredores de

Mafra eude m.^a D.º e minha Cunhada se
refugiáram depois da proclamação da Repu-
blica. E tenho ainda presente as preocu-
pações que me assaltavam, no respeito do
isolamento, sem saber ao certo o que se pas-
sava mas sempre desconfiado do fiar.

As pessoas das Constituintes eude as
adesivos já abundavam e alguns com inten-
ções reservadas como se provou com o cor-
rer do tempo, não corriam de molde a
tranquilizar espiritos como o meu; e pen-
sei muito nêz que se tivesse sido eleito era
muito possível que a certa altura as aban-
donasse e regressasse a casa de aretha caí-
da e com o fizado mais estregado do que au-
dava. Ha muito.

Recordo-me até de que num certo dia
nha desse mês de Agosto, vi ao largo, nas
alturas da Ericcira, uma esquadra que se
encaminhava no sentido do Cabo da Roca;
com o ~~olho~~ binoculo vi claramente uns
grupos de navios de guerra que, mas me
tenho já porquê, desconfiei de que seriam
espanhóis. O que viriam fazer esses navios
que se dirigiam nitidamente para o Tejo? O
que teria havido que justificasse a entrada de

cuja esquadra no porto de Lisboa? Daí a
 umas horas ouvi ao longe o bom ruído de
 tiros de canhão...

Sobressaltei-me, pensei em ir á vila
 de Mafra farejar novidades e passei a tar-
 de incomodado.

No dia seguinte os jornais esclareciam:
 era uma esquadra inglesa que entrara no Te-
 jo e saíam, regularmente, a ban-
 deira nacional.

Tudo não é, propriamente, caso f.^o rir;
 o meu sobresalto vinha como consequen-
 cia do ambiente desagradavel creado com a
 reunião de monarquicos na fronteira gale-
 ga e com as más intenções españholas.

Passava os dias nas Tapada, num pic-
 nichal proximo da Porta da Paz, num ponto
 onde as carusheiras, em pequeno grupo,
 davam pombo amena; levava uma cadei-
 ra de lona e ali estava a ler, a olhar para
 as arvores, a ver com o tincoento o movi-
 mento de navios ao largo da Terceira e... e
 a pensar na vida.

Nesse isolamento, que, se por um lado
 me agradava por outro não seria muito
 favoravel á minha inquietação nervosa,

escrevi numa carta literaria ao Augusto
 Casimiro. ~~dey elab. na minha g. e. pag. 101. 111. 112.~~
 E na verdade escrevi - the uma epistola
 que comecei no vol.^o das Cartas ⁽¹⁾ e nela
 descrevia acerca da solidão da Tapada, dos
 troncos erectos dos pinheiros q. a imaginação
 poderia transformar em colunas de abobada
 que se não concluiu, duma abobada que se
 deveria lançar por sobre aqueles capitais de
 ramos. . . E descrevia a tranquillid.^o do local,
 a marcha do sol, o zumbido dos meus cardos,
 o som afastado dum moimho de vento que ge-
 mia dolorosamente ou dum a ou outra ma-
 chadada dos lenhadores que desbastavam o
 arvoredo mais deus.
 E terminava por uma evocação pagã,
 ao me passar por cima do riacho alto «a côr
 suemelhada dum leuco que envolvia uma
 cabeça de puerther. . .» ~~na des. da minha g. e. pag. 101.~~
 Era um devaneio ou uma evocação (co-
 mo agora se diz) para as aquarelas (amari-
 guras, rim, aquarelas!) da triste quadra
 que atravessava. ~~fab. de na. g. e. pag. 101.~~
 A carta, é possível que fosse. Não me
deixei de lembrar que lá apparecia
 um ⁽¹⁾ Vol.^o II, a pag. 122 e pag. ¹²³

lembro já, na verdade, se a dei-tei no correio. Às vezes, escrevia cartas pelo prazer de escrever; guardava-as, esfriadas, no livro próprio e... pronto. Nunca esperava a resposta. E desta vez, se foi para o correio a carta, o Augusto Casimiro ao lê-la teria um sorriso de culpaixão.

E assim passou o tempo. Voltei em começo de Setembro para Coimbra, infelizmente no mesmo estado de espirito e com a impressão de desenganado.

Durante a temporada da Paz, o **Ordem do Exército** saiu e nela fui transferido, como ajudante, para o 5.º Grupo de Metralhadoras que se ia organizar em Coimbra, no convento de S.ª Clara deves formado em quartel.⁽¹⁾

Apresentei-me em 3 de Setembro. Terminada a licença; mas como o Grupo ainda não existia, ao fim de certo tempo eu e o Eduardo da Cunha Oliveira, únicos officiais existentes na unidade, fomos mandados apresentar em Infantaria n.º 23, para fe-

⁽¹⁾ O. E. n.º 18, 2.ª serie, de 23 de Agosto.

zer serviço de subalternos. E só em 20 de Novembro voltámos ao Grupo, em S.^{ta} Clara para receber o material que o Batalhão de Caçadores n.º 5, aqui deixaria no seu regresso do Norte, liquidado o caso das incursões dos monarquicos.

O material foi-me entregue ao Oliveira pelo então capitão José Mendes dos Reis e pelo alferes (ou talvez já tenente) Jaima Baptista, com os quais me iria encontrar, oito anos depois, nas andanças da monarquia do Paiva Branco, em 1919, de quem terei surtido de falar mais adiante.

Eu e o Eduardo de Oliveira fomos verdadeiramente os organizadores do Grupo que teve o n.º 5. Falava tudo no edificio do convento de S.^{ta} Clara que era quartel comum ao Regim.^{to} de Inf.^{ta} n.º 35.

O casarão precisava de obras; não havia mobiliário; recordo-me muito bem de que se quisémos escrever e organizar a secretaria, tivemos de improvisar puesas com taboas no turo cabeceiras de ferro de camas de soldados — ao que um general da divisão, o Farjaz de Sampaio, de Lousanharia, que lá appareceu um dia achou muita graça e celebrou com

certo espírito — o que, para dizer a verdade, deixou-me, a mim e ao Oliveira, uma impressão de mau gosto.

Mas, enfim, era assim mesmo que as coisas corriam e parecia-me que havia na gente militar e civil que a Republica conservava nas suas posições a boa vontade de aplicar a frase mais tarde muito usada de « quanto pior, melhor! »

Tudo é possível. Seria pelas alturas de Setembro, ainda eu estava no regimento de Infant. n.º 23, que houve nova investida do Ministerio de Guerra para se continuar com as comemorações do centenario da Guerra Peninsular que a agitação politica fez naturalmente interromper.

A proposito dessas comemorações o Floro Fleuryes (o Terrível e enigmático Floro Fleuryes!) publicou um artigo em um jornal que eu considere inconsequente. Nessa altura, porém, não se olhava muito ás conveniências, e em muitos casos até ao estabelecer bom senso.

"Ficou guardado na collecção de recortes.

Não me recardo já se alguma coisa se fez, mas parece-me que as circulares ministeriaes ficaram letra morta — o que não admira porque as informações vindas da Galiza davam para breve a incursão monárquica como que para celebrar, com o lutho proximo, o primeiro anniversario da Republica.

Na manhã, no dia 3 de Outubro, estava eu em Liss para celebrar os meus 32 annos com meus Pais que então ali estavam em descaço, correram as primeiras noticias relativas á entrada das hostes monárquicas.

— Os honreus já estão em Braz-os-Mon-tes! dizia-se á boca pequena.

Havia quem se alegrasse: desta vez era certo! a Republica ia abaixo, com seiscentos Diabos! e agora é que se vai ver o bom e o bonito...

Mas, na maior parte das pessoas, via-se a fisionomia vincada: o que se iria passar? seria para bem ou para mal?

Ao regressar, á noite, a Coimbra, fui ao quartel saber o que havia. Não havia ordens especiais, tudo corria mais ou menos normalmente, apenas típicos prevenções de fi-

queste para a hipótese de qualquer distur-
lio nas ruas.

Lo assim se chegou ao 1.º anniversario do
regime com ambiente pesado de desconfian-
ça, de incertezas, de desânimo e (porque não
dize-lo?) de quebras de enthusiasmo e fé nas
novas instituições. Lembro-me bem da tris-
teza que me invadiu; a um ano de regime
republicano parecia que a descrença abra-
gia todos os espiritos e o que se via era cada
um procurar arranjá-lo e crear cliente-
la politica para quando as Constituintes des-
sem por finda a sua missão ter certo peso
em futuras eleições e manter suas bófias de
influencia.

As incursões monarchicas foram domi-
nadas com facilidade. Os haueus recolhe-
ram á Galiza para nova organisação; a Espa-
nha, e' claro, ignorava o que se passava e
fazia ouvidos de mercader ás reclamações do
nosso Governo.

Depois, veio o reconhecimento do novo re-
gime por parte do Brasil, Inglaterra, Ame-
rica, Franca e outros países; houve até
certo relampejar de enthusiasmo nas ruas;
fizeram-se manifestações e ouviram-se al-

quero discurros... Mas, passado esse fogacho de alegria e desafogo, tudo voltou á mesmura.

O anno de 1915 acabou tristemente; o Governo de João Chagas não se aguentou perante as arremanhadas dos já chamados democráticos, avidos de governarem só, sem apoio dos outros partidos, no esquecimento completo do perigo que essa attitude representava para a Republica ainda a precisar de todas as vontades.

Eu então voltei-me para os trabalhos de Historia como suasão de tantas preocupações e desistensões. Lembrou-me de que me surgiu a ideia de desliendar o caso do combate da Cruz dos Marechcos em 1828.

Travára relações com o general reformado Francisco Augusto Martins de Carvalho que todas as noites, ou quase todas, ia conversar um pouco para a Tabacaria crespo, na Calçada, numa casa que ardeu, ~~em~~ perto do começo da subida p.^a a rua do Corpo de Deus. Um dia falei-lhe no assunto; ele ofereceu logo a sua livraria, riquissima em ~~os~~ obras relativas aquella época e eu aceitei logo e fui, de facto, um assiduo frequentador da

hospitaleira biblioteca onde passei horas e horas muito agradáveis.

Dessa assiduidade e convivência veio certa e mútua simpatia; e com o tempo o general deu-me provas de amizade e até de confiança que a raro dispensava. Era monárquico e acompanhava o João Franco desde o começo da cisão — o que lhe valeu a reforma imposta pela razão do Pimentel Pinto; ás vezes, nas conversas, deixava transparecer alguma crítica ao que se passava na politica, mas sempre com bonhomia e em forma de gracejo.

Como ele projectava 2.^a edição do seu Dicionario Bibliografico Militar, contribuí com muitas achegas; e por vezes me solicitava diligencias na investigação de duvidas — o que eu fazia com a melhor vontade.

Era um bom conversador, possuía memória feliz e sabia muita coisa que, em regra não negava a quem o consultasse. Foi por via dele que realizei relações com o bom Fereira Lima que, desde a Escola do Exército não mais encontramos; foi lá, na casa da rua do Corpo de Deus, que conheci o Dr. António Terrão com o qual, durante uns dias em que

ali trabalhava, conversando amistosamente.
 É curioso que nunca se esqueceu de mim
 como proveu, muitos anos depois quando
 foi Inspector das Bibliotecas e Arquivos.⁽¹⁾

Eravam horas agradáveis, essas, passadas
 na biblioteca do General, na rua do Corpo de
 Deus, ao cimo da ladeira, num velho prédio
 com grandes salas eude, em estantes simples
 de pinho, sem vidros, se acumulavam ricas
 espécies bibliograficas — depois dispersas em
 leitão muito falado.

Pois foi ali, nessas tranquilas salas, a uma
 mesa em frente da secretária eude ele trabalhava
 na que eu reuni a maior parte dos elementos
 com que formei o meu trabalho sobre a acção
 da Cruz dos Marecos depois publicado na Re-
vista Militar⁽²⁾ por intervenção do então capi-
 tão (ou major) de Artellaria José Justino Tei-
 xeira Botelho.

O trabalho era grande; e o gerente, nessa
 altura, da Revista, o major Pacheco Simões,
 resolveu suspender a publicação sem dizer

(1) Em qualquer parte do meu Diario deve
 haver referencias a este operoso e infeliz traba-
 lhador das letras.

(2) Nos vols. 65, 66, 67 e 70 (1913 a 1918).

agua vai a uns dois terços da impressão.
Deixei passar um ano e como não continuava
se, queixei-me ao general Moraes Sarmento,
o presidente da direcção. Este, amavelmente,
respondeu-me dizendo que o trabalho conti-
nuaria e na verd. continuou em parcelas mi-
nimas até ao fim.

Quer isto dizer que o meu primeiro tra-
balho sério que eu, aliás, não pedi para pu-
blicar mas que foi solicitado pelo Teixeira Bo-
telho teve a má sorte que alguns outros não
meus sérios deveriam ter — como para ju-
gar que a minha má sina tinha bem o desti-
no marcado...

Em todo o caso sempre deixarei referido,
embora me antecipe um pouco na cronologia,
que este trabalho sobre a Cruz dos Marecos
que a Revista pagava depois da saída de ca-
da numero, me rendeu a quantia de qua-
renta e dois mil quinhentos e setenta reis
(42.570 rs.) que dividida pelo numero de pagi-
nas (que ainda foram 88) dá a quantia em
media, de 480 reis por cada uma — ou seja
um quinto na antiga moeda portuguesa ou
ainda uns 40 escudos em moeda actuali-
zada.

Podia ser grã... floje, nem um cen-
tavo receto apesar de colaborar em todos os
fascículos.

Foi este trabalho e um outro publicado
também na Revista Militar anos depois po-
deu a retirada de Massena pelo conselho de
Miranda do Corvo em 1815⁽¹⁾ que mereceu ao
já então general Teixeira Botelho na sessão
em que fui admitido como sócio da em-
presa da mesma revista, em 1932, as pala-
vras que já citei, creio eu, em qualquer par-
te destas minhas memórias:

— O sr. major Belis.º Pimenta é um
caso novo e unico na nossa historiografia mi-
litar...

Mas estou a fugir do ano de 1815 e nou-
mente a anteciper-me, emvaidecido, para
recordações mais agradáveis.

Regressámos. E já agora lembro com sa-
tisfação a assistência em nu.^a casa de certos
rapazes como o Augusto Casimiro, entu-
siasta e sempre optimista; o Afonso Duarte
já homem ponderado e sério, que pensava
já rapidamente na sua futura rajada; por

⁽¹⁾ No vol. 83 de 1931.

vêzes, o Virgílio Correia, o Virgílio dos Cacos como era alcunhado pela rapaziada, sempre na aparência bem disposto e já um pouco mais tímido como foi sempre; o José Maria Cardoso, então no 5.º ano de direito, bem como o Manuel Marques dos Santos Ferrer e outros jovens que se entregavam a discutir politica, ou litteratura ou mesmo arte com a semi-cerimonia natural da casa dos vinte annos.

O Afonso Duarte contava comigo para colaborar na sua Rajada apesar de eu lhe fazer ver que os meus 32 annos eram demais para revista de novos; e o José Cardoso e o Marques Ferrer, mais praticos do que o poeta, pensavam em ~~se~~ se instalarem bem na vida depois de formados.

O José Cardoso, sentado mesmo ao lado da minha escrivaninha e bem repoltrado, dizia até, com aprovação do Marques Ferrer, o ideal seria arranjar uma mulher boa e rica e... gozar a vida o melhor possível.

Ambos realmente casaram bem. Quanto á primeira qualidade exigida para o escolhido ideal, nada sei; mas a respeito da segunda qualid. deram realmente no vinte.

Qualquer das senhoras com quem casei-
ram que eu conheci pessoalmente, era
bastante rica, uma da Laura, da família
Anastácio, com grande fortuna em Santos,
no Brasil; a outra, do Miranda do Carvalho,
da família Falcão, herdeira de ricos e
considerada a melhor ~~uma~~ fortuna do con-
celho. Quer um quer outro já morreram e
não restou.

O Afonso Duarte também largou o man-
do há uns anos. Do grupo resta o Augusto
Carimiro, sempre optimista, activo, e ho-
je director da Seara Nova a seguir á man-
te de Luis do Camara Reis.

Boa aluna, afinal, a deste Augusto Carimiro!
Certos defeitos talvez mais contami-
nados do que por natureza, eram a falta de
jelo altruismo e seriedade de intencões. Foi
sempre meu amigo e ainda neste ultimo
Setembro, na quinta-feira da Paz, deu provas
de que me não esqueceu e de que manti-
nhá por mim a mesma estima.

Recordou nessa tarde que lá passou em
termeido certos passos da minha vida do
máu periodo de 1911 e 1912 e fez justiça a
certas atitudes minhas e a certos successos

em que tive intervenção, com elevado critério e ponderadas apreciações lançadas com voz pausada entre fumaças dum cachimbo que estava sempre a apagar-se.

E voltei a devanear, aliás com patifação, ao querer fechar esse agitado ano de 1911 que tão desagradável me foi. Estas fugas, porém, ajudam a esquecer os momentos maus desse primeiro ano de novo regime, as inquietações, as incertezas, o mal estar geral, e a preocupação séria pelo futuro próprio e pelo das novas instituições ainda oscilantes.

Teria ter dito o que mais ou menos se passou comigo; é possível que depois de fechar o capítulo me lembrasse outros successos que poderiam ficar escritos — pois por falta de notas escritas e por esvaímento da memória meim tudo meim á falta.

Fica aí, porém, quanto basta para nago quadro do que foram esses quinze meses de experiencia republicana — experiencia em tanto em quanto desordenada e bem dura mais por culpa dos proprios republicanos do que ~~por~~ dos adversarios.

Estes pouberam logo ajuueitar os erros
cometidos muitas vezes com deploravel in-
sensatez, erros que se poderiam evitar ou
se não poude evitar.

Eu fim, fecho o capitulo, tristemente e
em dia tempestuoso de Março.

Coimbra - Quinta de

Paz - Lisboa : de 7 de

Abril de 1959 a 8 de

Março de 1962.

II

«Agora aqui estão eu a escrever sobre coisas passadas desentranhando-as a pouco a pouco... Mas será isto uma narrativa digna de interesse?»

Judite Navarro: Terra de Nod,
1ª ed.^{ta}, pag. 64 e 117.

O começo do ano de 1912 não se materializou por qualquer sucesso especial relacionado com a m.^a vida que mereça aqui ~~uma~~ uma notícia.

De um ano para o outro o meu estado de espírito não se alterou muito; lembro-me bem de que andava acalorunhado, de que a situação política me preocupava e de que isto junto a outras razões particulares que não vêm para aqui, me ia aos poucos neurastemizando. Eu lembrei o começo da invasão e, sem querer, transmitia-o ás

rêres em camufladas escusadas — pois pro-
deriam os outros considerar efeito de desân-
imo ou desilusão de republicanos perante
o caminhar da politica e eu, com franque-
za, não queria dar aos adversarios a impres-
são de que era realmente o desânimo e de-
silusão que me ajudavam a abandonar a
vida.

Voltava-me para os meus livros, ar-
quitectura novamente trabalhos historicos;
o estudo acerca da acção na Cruz dos Mo-
raucos em 1828 que ia projectando por bo-
dos, embora só começasse a escrevê-lo no
mês de Novembro, entrebriha-me comola-
damente o espirito; ao mesmo tempo,
qualquer coisa de ancestral me levava a
imaginação p.^a uma vida passejada no cam-
po, recolhido, com modestia sincera, quero
dizer, com modestia sem alardes ou afregoa-
da, procurando ser esquecido a pouco e
pouco, para me deslizar suave a caminho
da velhice.

E assim ia imaginando uma casa de
aspecto simples, por cujas janelas se avis-
tasse a verdura dos campos, com cenário de
serras ao fundo sobre as quais a luz do

sol, ao entardecer, d'esse auroreais to-
 malidades. *... e a natureza sempre ao mais*
 E' claro que toda esta exuberancia de
 imaginações se localizava em Miranda do
 Corvo que nunca esqueci desde o meus
 remotos anos de meninice, quando corria
 pela Quinta da Cerrada da Nôra e me ficava
 a olhar a represa do Alhada junto da
 grande pedra que deu o nome á propriedade,
 admirando inumeros alfiates a girarem
 á superficie da agua, ás voltas e reviravol-
 tas; quando contemplava a pedra que ás vê-
 zes, a certas horas, meia medo como mur-
 tha escura que se levantasse no extremo da
 planície. *... e a natureza sempre ao mais*

E como a realidade da vida mostrava a
 impossibilidade d'uma realização, uaga que
 fosse, destes sonhos tão intimos, a imagina-
 ção comprazia-se em alargar esses sonhos,
 em crear particularidades, em entrar em
 parmenares como se, daí a pouco, podesse
 chegar á sua concretização e fosse conve-
 niente ter as coisas preparadas para evitar
 duvidas ou hesitações. *... e a natureza sempre ao mais*
 Lembro-me bem desse periodo máis da
 vida; e lembro-me de que, um dia, em

casa de meus Pais, eu occorri em 9. um
grupo de methotes de reueria, como era vulgar,
para garbidas de voltarete (salvo erro) o metho
dr. Jose' Antunes Vaz Serra deu por o meu esta-
do de espirito meu que eu, aliás, me propor-
cionasse ou facilitasse o diagnostico. Mas o cer-
to é que percebeu qualquer coisa e deu-me al-
guns conselhos e fez-me prevenções...

Era natão sabido e inteligente (não for-
re ele irmão leigo do Camp.º de Jesus!) e per-
cebeu que no meu intimo havia o que real-
mente havia — e não de aconselhar o con-
tate a esse estado perturbado com distrações,
com trabalho intellectual da psicofisica e isto
com ar de satisfação do reaccionario pelo ca-
minho meu em que as coisas iam para os re-
publicanos e bom para eles que haviam de se
aproveitar pagamente, esperando com pacien-
cia a oportunidade que teria de chegar como na
realidade chegou.

Os livros e os trabalhos historicos que ten-
ha era o meu prazer; as conversas dos
amigos que por vezes apareciam não passá-
vam de momentos fugidios, na verdade agrá-
dáveis, mas que não tiravam o gosto amargo
dos constantes pensamentos meus.

As vezes refugiava-me no pequeno pátio de m.^a casa, do lado nascente, e aí passava dum lado para o outro, como animal em gaiola, sentindo os nervos excitados e certo intuito de desespero. O que era tudo isto senão os efeitos da depressão causada pelos sucessos políticos?

Por mais que eu fizesse, o mal mantinha-se por m.^{to} tempo e o nam-rão da vida de quartel não era de molde a desripa-lo. Refugiava-me nos trabalhos e na imaginação que me levava para longe e me afastava da realidade que tão necessária era ser encarada objectivamente e... porque não dizê-lo? com coragem que eu, com franqueza não tinha.

E os dias iam passando.

Em Coimbra, os chamados democráticos, isto é, os detentores dos «perparrinhos» do partido histórico, elegeram em Março as suas comissões distrital e municipal. Não sei por que razões incluíram o meu nome na comissão municipal. Esperança? Tentativas de captação? Julgariam eles que eu me considerava assim ligado a essa turba de intolerantes?

Os nomes, verdade seja, eram de velhos republicanos e alguns de certa cotação social; mas eu logo que vi a notícia escrevi ao Julio de Figueiredo Fonseca, um dos q. mexiam mais os cordelinhos da politica, uma carta aue aquel refeliudo a honra q. me queriam dar — carta que se transeme me para Leuleranças:

«Coimbra, 16 de Março de 1912. — Meu caro Julio: Fiquei surpreendido ao ver o meu nome na lista proposta para a comissão municipal republicana do Partido Democrático. — Ora como eu he muito torruai a tenção de não entrar na politica, e não ser que se causemasse a velha unidade do Partido Republicano Historic, rogo-te a finessa de declarares, em meu nome, que agradeço a honra que o Partido Democrático me queria dar mas que a não posso aceitar. — Não me interessa a politica e como official do exercito tenho largo campo p. prestar serviços á Republica; por isso desejo antes viver fóra de todas as lutas partidarias. — Reco-lê mais que transmitas a todos os teus correligionarios os protestos da minha estima pes

soal, consideração e gratidão; e crei no teu velho amigo, etc. — (a) B.P. »

Correctamente, nos jornais em que se noticiava a eleição, vinha a nota de que eu recusára o cargo assim como o Dr. Augusto do Costa Pereira, velho amigo, homem sério que foi sempre meu braço direito na Loja Portugal e se inclinava para o grupo do Dr. António José de Almeida nessa altura já chamado Partido Evolucionista. ⁽¹⁾

Este caso ficou arrumado — mas eu fiquei, com certeza, considerado para essa gente vinha como republicano atalassado se não fosse, mais claramente, como reaccionario.

Devia ser, por essa altura, que no meio das discussões de carácter politico que se levantavam quando meia dúzia de conhecidos se reunia e perante as objurgatórias que eu ouvia por me não querer associar aos "democraticos", o Augusto Casimiro ainda no periodo sincero do seu enthusiasmo, me dizia que se, na guarnição militar

(1) Ver na collecção de recortes de jornais, na pasta propria, estas noticias.

se fôrmassem parbidos, ele seria sempre
«telisarista...»

Naqueles momentos assim seria; de-
pois... embora se conservasse amigo (que
ainda hoje é) o meu «telisarismo» dilui-
re muito e o meu espirito um tanto em quan-
to inquieto tomou novos e mais largos re-
mos vindos de outras influencias aliás ho-
nestas e de boas intenções — mas que o le-
vavam ligeiramente para um estado de vai-
dade que durante muito tempo se lhe arre-
jou e o tornava por vezes um tudo nada
imperbiente.

Do Ultramar recebia cartas curiosas do
Luis Sup.^{to} de Oliveira Franco que fazia mu-
ltas perguntas acerca da marcha do regime;
do Com. José Fernandes Duarte que se dizia
meu discipulo em Filosofia Positiva (Luan-
to João a Fantasia!...) e do Manuel de Oli-
veira Leite, meu antigo parente, creio q.
já official do quadro das Colonias que deambul-
lava pelas nossas provincias todas, pouco
adaptado ao mesmo local, sempre avido de
ver algo de novo como qualquer portupês
de outras eras, sempre pronto para contem-
plar novos horisontes.

Ja respondendo em grandes cartas explicativas,⁽¹⁾ intermeadas com os meus trabalhos de investigação, o arranjo das minhas colleções e os vãos e constantes da desordenada imaginação.

Tenho bem presente esse tempo como quadro má da minha vida, pois além do ambiente político que muito me influenciava havia desgostos íntimos que não me iam para aqui por desnecessarios e me carregavam desagradavelmente o espirito já sufficientemente preocupado.

Depois vieram as insurreições monarchicas no verão, que obrigaram a deslocamento de tropas para o Norte.

Eu escapei da mobilização, sempre agarrado á ajuda da do Grupo de Metralhadoras e a aturar os command^{tes} que tive: primeiro o ten^{te} coronel Alexandre de Almeida e Oliveira, um monarchico feito democratico, sem convicções de qualquer especie, haurem vindo da Beira-Alta com suas proprias fidalgas suas masas de cerebros e de caracter; depois o outro, que substituiu

⁽¹⁾ Algumas estão nos vols. das Cartas.

estê em julho, o ten.^{te} coronel Teotônio Mo-
niz Barreto do Couto, agorano afidalgado,
espertalhão, seu bagagem de cultura, neo-
marquico também feito por conveniências.

Ambos eram o tipo perfeito dos oficiais
superiores da quadra incerta que se atra-
vessava, ignorantes e desleixados, sempre
a ver em que paravam as rodas. O Ale-
xandre de Oliv.^{na}, no íntimo, não seria má
pessoa; mas eu acho, Barreto do Couto, era
velhaco. Enfim, aturei-os com paciência
e diplomacia; não ficaram a dizer mal de
nem segundo gesto.

Assim foi passando o tempo...

Em Setembro fez-se a experiência da
primeira Escola de Repetição — uma das
boas esperanças do então ten.^{te}-coronel João
Pereira Bastos, autor da organização de 1955,
para adestrar o exército com utilidade.

O Grupo de Matruhadoras foi conjunta-
mente com o regimento de Infantaria 23 fa-
zer a Escola que, como experiência quase
nada deu. Apenas se aproveitou a mar-
cha de sete dias consecutivos.

Estou convencido de que momenta e reis
por cento da oficialidade, obrigada a sair das

mas comodidades e do ramerrão da vida do quartel e a marchar leguas e leguas seguidam.^{te}, procurou sempre tornar a experiencia antipatica e inutil, com queixas, remarkes, censuras, etc.

Em parte havia razões para isso; mas essas razões vinham da incumprimento do espirito da organização destas Escolas e logo de entrada se começou a desvirtuar as intenções com alguma maldade.

As Escolas de Repetição com certas modificações q. a experiencia aconselhasse poderiam ser, na verdade, uma boa e util escola para o tempo.

A marcha começou em 9 de Setembro e nesse dia fomos ficar a Condeixa; em 10 a Miranda do Corvo; em 11 a Foz do Azeite, depois de passar pela Lourosa; em 12 fomos bivacar á Serra de S. Pedro Dias ou da Mucela; em 13 houve exercicio ou combate simulado na Serra, creio que de defesa da passagem do Alva.

Não assisti porque, como ajudante, fiquei a comandar a columna do material que desceu a Boiões e Louredo para ir encontrar o Grupo em Penacova onde se bivacou; mas

lembro-me bem de que os officiaes quando nos encontramos nesta ultima vila, vinham a escolher os ombros quando lhes perguntei pelo exercicio.

Em 14 seguimos pela estrada de Penedouca f.^a Coimbra ate á Mizarela onde novamente se bivacou; e no dia seg.^{te}, 15, fizemos a entrada triumfal em Coimbra, depois de marcha total de algumas dezenas de kilometros.

Resultado?... Pouco mais do que nulo, não pela Escola em si mas sim porq. quase todos a não comprehendiam e na maior parte a não quizeram executar a serio e com sinceridade, em por indiferentismo, má vontade e, para muitos, quem sabe se por maldade. Era preciso desvirtuar a obra da Republica por todas as formas e feitiços.

Era o resultado de se deixar o novo regime entregue quase aos mesmos homens que serviram a Monarquia e estavam adaptados aos seus costumes e não iam, com boa cara, com regime que não poderiam comprehendir e m.^{to} menos estimar.

Do mesmo mal se queixavam os homens de Vinte que ingenuamente deixaram a ma-

guina ~~política~~ política e administra-
tiva nas mãos dos absolutistas. E o resul-
tado viu-se então e . . . viu-se também a
mesma coisa de 5 de Outubro em diante.

E aqui vai um episódio que poderá pa-
recer pouco vulgar mas que corresponde ao eli-
me do tempo: em Miranda do Corvo, no dia
10 de Setembro, os oficiais provisores da esco-
la de Reparação juntaram os jantares das duas
unidades, é mesma hora, no areal do mar-
gem esquerda do Alhedo onde então havia
um charão de grande côpa pitoresca. O jau-
tar foi animado e no final fizeram-se dis-
cursos em que sobresaiu o capitão do Grupo
António Gomes de Sousa J.^o; com os discurs-
os deram-se vivas á Patria, ao Exército, ás
famílias do presentes e não sei a quê mais.

Eu tinha ao meu lado o alferes do Grupo
Alberto Vieira Coelho e notei-me que nin-
guem se lembrava de um viva ao regime
republicano; como ninguém o disse, levam-
sei-me e, de copo na mão poltêi, bem claro
e sonoro, um

— Viva a Republica! . . .

Só meias dúzias, e dos rapazes, correspon-
dei . . . Os oficiais mais graduados ficaram.

re mundos e vi até o Gomes de Sousa fazer um típico gesto de desagrado.

Entendiam eles que o regime não tinha nada para ali, para aquele areal do Athada onde se comia uma boa jantada.

E depois...

Eu fim, vou contar outro episódio, diferente, mas que ajuda a explicar as causas do quase nulo aproveitamento da experiência.

Pouco depois de terminada a Escola de Repetição celebrou-se o casamento do Floro Henriques com a filha do velho republicano Jaime Lopes Lobo, negociante de grãos na Praça do Commercio. O Floro quiz dar relevo á cerimonia e convidou o Dr. Francisco José Fernandes Costa, já então ministro de qual quer pasta e muitos amigos e condecoracionarios antigos.

Haue almoço poluue e antes de commençar a refeição, o Fernandes Costa dirigiu-se ao coronel José da Silva Bandeira, um dos convidados e perguntou-lhe como tinha corrido a ultima Escola de Repetição. O Bandedeira, desentranhou-se em rinos de leuor; tudo correu ás mil maravilhas, não faltou

nada, tudo se cumprim com as maiores facilidades, etc. etc. — o que o Fernandes Costa ouviu com ar suazomto que lhe era muito fino e dizendo, por intervalos, o seguinte:

— Ainda bem... Ainda bem...

Eu, que também era convidado, e estava junto deles, fiquei indignado mas não quiz no momento levantar discussões; só depois do almoço, apauhaudo o ministro Lepe do Bandeira é que lhe disse que houvera muita falta, aliás justificadas por ser a primeira vez que tal se fazia e que o pouco resultado tirado se devia, como acima contei, ás más vontades, á indiferencia e aos maldosos propósitos.

Pareceu-me que o homem não gostou — o que é natural. Estas creaturas quando não bem não gostam que se lhes fale tão livremente.

Paciencia.

Quiz, com este episodio banal, dizer que o ministro Pereira Bastos não teria quem verdadeiramente lhe expusesse a verdade. Mas, como o Bandeira, cantam-lhe-iam, de cócoras, todos os hinos laudatorios; outros não saberiam expôr o que seria necessario

emendar; e outros, ainda, dir-lhe-iam
mal meu pobre paique.

Com a Escola de Repetições acabada, con-
tinuava a rotina do quartel; todos os dias lá
ia a pé para S.^{ta} Clara, pulia a caldeira pa-
cientemente e aturava com a mesma pa-
ciencia o ten.^{te} car.^{al} Gestónio Moniz que co-
mecei a aborrecer... Era muito exausti-
vo que meu pai sempre se culpava.

Pensei em sair do Grupo e como em
breve ia vagar o lugar de ajudante do Re-
gimento de Inf.^{ta} de Reserva n.^o 23, tratei de
agarrar a ocasião e fiz o requerimento ne-
cessário que foi, e' claro, acompanhado
das respectivas cunhas.

Pelas alturas de Novembro o Governador
de Civil (cujo nome me não lembro já)
convocou varias personalidades cominten-
tes para se estudarem « os meios de se
"conseguir que as indústrias do distrito de
"Cimara produzam seus productos que se-
"jam mais caracteristicamente portugue-
"ses a uma exposição que a Repartição do Tu-
"rismo pretende organizar. » São estes os
dizeres dos jornais do tempo.

Não me recardo se fui convidado p.
a reunião e se assisti a ela; mas, de cer-
to houve discursos e saiu dela a escolha
duma comissão encarregada do assunto
em que o meu nome apparece incluído.

Vejo isto nos recortes dos jornais guar-
dados para o que der e vier; mas a verdade
é que me não tenho na alguma coisa re-
fiz e se eu tive qualquer intervenção.

Suero, porém, creio que não...

Nisto, no mesmo mês de Novembro,
regeu a constituição dum Tribunal mili-
tar para julgamento dos monarchicos revol-
tosos e logo quiz a parte (ou qualquer fal-
catras, quem sabe!?) que eu fosse parteado
em 20 do mês para o juri.

Este juri foi constituido por os tenen-
tes Luis José de Mota e por mim e pelos al-
feres Alberto Vieira Coelho, Celestino Rodri-
gues da Costa, Augusto Gasimiro e José Fer-
nandes Duarte.

O presidente do Tribunal foi o coronel
de Infantaria Feijó, antigo
monarchico que durante muitos annos foi
comandante da Policia do Porto e de quem
se contavam varios casos pouco edificantes

que o não haviam como homem e como
funcionário. Era, porém, pessoa de
virtude, muito correcto, atencioso.

Quanto ao júri... Quando vi a sua
constituição pensei logo que a presidência
seria dada ao Mota, como mais antigo. Po-
rém o Mota não inspirava confiança, era
muito reservado a sua conversação e é sabido
que os convertidos não sempre os frios.

Conspiração, pois, com o Visconde Coelho e
com o Fernandes Duarte para que a presiden-
cia fosse dada ao mais moderno que era o
Augusto Casimiro. Estes acharam bem e fa-
laram ao Rodrigues da Costa que era de Gau-
laris, official jurídico, um pouco alheio a publi-
cadas destas. E assim se fez.

Na reunião pessoal votou-se o Augusto Ca-
simiro para presidente do júri, mas como mais
moderno suas... como Paeta! Foi esta a for-
mula...

Percebi que o Mota não gostava das acci-
ões, é claro, sem comentários; e na verdade,
as sessões do júri correram sempre bem e
com a melhor disposição e harmonia.

O Mota era mal visto nos primeiros tem-
pos do regime porque era conhecido as suas

afirmações anti-republicanas e a confiança que nele depositava o celebre coronel Duarte Taveira, commandante do Regimento 23 — confiança que foi até ao momento em que no quartel se içou a bandeira republicana.

O Julio Vieira de Figueiredo Fareses, o seu mais nobre amigo, aplanou-lhe as dificuldades resultantes dessa fama; e pouco tempo deu a sua adesão ao Partido Republicano Português e foi com o andar dos dias e meses um estivo, na verdade, apreciavel e foi (é interessante dizer-se) quase um idolo no partido em que se integrou.

O Luis Mota manteve-se sempre meu amigo desde as aulas de instrução primaria do Professor Portugal; e quando a verdade que se diga que no periodo de Gaxias quando ambos trabalhávamos na tentativa do generalato, ele foi meu tal e dedicado companheiro. Morreu ha pouco, depois de uns tempos de sofrimento resultante de uma congestão cerebral que o inutilizou.

Impressionou-me o seu desaparecimento; foi mais um companheiro que layou para o desconhecido e meus um companheiro que ficou.

Mas voltámos ao júri do Tribunal municipal. Comecei cedo a abarrecer aquilo.

E' que ao mesmo tempo que se trouxeram actos de clara rebelião, pareciam-se bem que muitos individuos vinham ao Tribunal trazidos por más vontades e vingancas pessoais e ainda por intolerancia politica. Tivemos, no júri, algum trabalho em esclarecer certos casos — pois o juiz auditor o dr. Antonio de Campos, antigo cacique no Marquico creio que dedicado ao Arthur Costa, convertido facilmente aos democraticos e, como todos os convertidos muito faccioso, fazia os quesitos com alguma melancolia e uma ou duas vezes que o chamámos para esclarecer duvidas de ordem juridica, recusou-se a dar explicações.

Resultado: muitos accusados eram absolvidos com escandalo dos intolerantes. Tivemos, porém, resolvido absolver em caso de duvida; não aceitámos as provas morais que o car.º José da Silva Baudains queria que fossem a regra para julgamento.

O Sup.º Basimiro, o Viana Coelho, o Fernandes Duarte e eu estávamos de accordo e muito accusado veio para a sua porque a

acurração não era clara e porque em alguns casos se verificava que havia vingança pessoal ou facciosismo politico que o promotor, o car.^{al} João de Moraes Zamith não conseguia anular.

Os fóros começaram a murmurar-se que havia muita tolerancia no júri; esses murmurios foram até ao ponto de censuras e algumas ameaças; e como o resultado das sentenças vinha nos jornais, por todo o País parece ter havido indignação...

Receli algumas cartas a que não respondi; a uma do capitão Alfredo Eduardo de Cruz, o companheiro de infortúnio dos començos de 1840, já então muito integrado nos desesperados, aliás creatura ponderada que sempre estimei pelo seu espirito de conscienciosidade, resolvi responder com certa ironia e bom humor. Deixei essa carta copiada num dos volumes das Cartas e dizia-lhe entre outras coisas que desejava vê-lo no meu tugar e saber como o seu temperamento esculpulo e justiciero resolveria certos casos como alguns que se nos apresentavam.

O certo é que me abarreci e verifiquei que não tinha jeito para juiz, de mais a

mais debaixo de certas pressões exteriores
 embora m.^{to} ao de leve e com um juiz audi-
 tar melhaço que procurava comprometer o
 júri que era constituido por uns rapazes mo-
 vos, com boa-fé e espirito desinteressado.
 Aproveitando uma forte constipação que
 me levou uns dias á cama, dei parte de
 desente em 13 de Setembro e fiquei em casa
 até ao fim do mês.

Neste intervalo, depois de varias jurifi-
 cias, fui colocado no Regim.^{to} de Infant.^{to} de
 Reserva n.^o 23, como ajudante, pela Ordem de
 Exercito n.^o 24, 2.^a serie, de 24 do mês de Se-
 ptembro, e quando me julguei capaz de sair
 a rua apresentei-me, em 29, no Grupo de
 Melnhaçarias onde recebi quiz para aquelle
 regimento onde me apresentei em 30.

Estava livre do Teotonio Moniz Barreto
 do Couto mas não do Tribunal; passadas as
 férias de Natal ainda lá voltei mas a 13 de
 Janeiro dei novam.^{te} parte de desente e requi-
 si junta para me tirar a valer da tarefa
 como me conseguí tirar. A junta deu
 me licença que foi além do trimestre, ou que
 trimestre imposto por lei para funcionam.^{to}
 do júri.

O commandante do Regimento de Reserva era o Ten.^{te} - coronel Francisco Gomes, Terceirense, excelente homem, de bom caracter que largou a sua ilha porque vinha um filho na Escola do Exercito e não vinha mais para si quando foi promovido ao Arquipelago. Fixou-se em Coimbra depois dum periodo em Setúbal e em Coimbra veio a morrer com 80 e tantos annos.

Está sepultado em campo raso, ao lado da esposa, sephara distinta tambem da Ilha Terceira, da familia Moura, no cimiterio de S.^{to} Antonio dos Olivais.

Ficou meu amigo; e era, de facto um bom e grande amigo a quem fiquei devedor muitas provas de estima e consideração que não posso esquecer. Se conseguin levar ao fim esta tarefa das memorias, terei occasião de falar neste varias vezes.

Esta situação no Reg.^{to} de Inf.^{ta} de Reserva n.^o 23, como situação meramente burocratica, dava-me liberdade para me lançar com certo desajogo aos trabalhos da projectada monografia sobre Miranda do Corvo que no anno seguinte teve grande impulso, infelizmente sem qualquer resultado apreciavel.

ou até vagamente apreciar o caso, com o correr do tempo se verificou.

E assim o ano de 1912 acabou com ver-me livre do Grupo de Melina Madaras, do commando^{to} Teotônio Moriz, das publicas e descidas da Curação de Lisboa e da Ladeira de S.^{ta} Isabel e dos julgamentos dos implicados nas intencionalas monarquicas que me^{tas} vezes me davam a impressão de perca.

O júri la continuou presidido pelo Augusto Casimiro que ia equilibrando quanto podia as decisões com a generosid.^{de} propria e a boa vontade dos outros.

Lisboa e Coimbra.

30 de Março a 4 de Maio
de 1962.



III.

«Voici ce que j'ai entendu de mes
propres oreilles et vu de ma propre
vue.»

Anatole France: *Le Petit Pierre*, in
cap. XIX.

«Ja reparáram, senhores, que tudo
que se conta, que se lembra, por mais
desafectado que nos pareça, por mais
tempo ou por de aparências que se nos
afigure, toma sempre um ar de his-
tória?»

Irene Lisboa: O pouco e o muito.
Crônica urbana, pag. 271

Vamos entrar no ano de 1913 e com
certa pressa, pois quero ver se chego ao fi-
nal da tarefa sem movid.² de maior. O tem-
po corre muito e vejo os meses passarem
sem os poder agarrar.

A vida, durante o ano, foi andando
sem grandes incidentes e tudo se resume
em pouca coisa.

Para me livrar a saber do juri do Tribunal de guerra, tive de recorrer a uma ti- cuca da Junta que só acabou em meados de Março na altura em que já findara o quadri- mestre obrigatorio.

Assim, com o serviço do Regim.^{to} de Infan- teria de Reserva 23 apenas burocratico e com a tolerancia do excelente Ten.^{te} cor.^{al} Francisco Gomes, em lancei-me, de alma e coração ás pesquisas da historia de Miranda do Corvo. Saia do quartel e ia á Biblioteca da Uni- versid.^e ou ao Arquivo da mesma recente- mente aberto ao publico.

O Dr. Antonio Garcia Rib.^{no} de Vasconcelos levou-me um dia paternamente ao Arqui- vo que organizara de modo a poder ~~ser~~ per- freqüentado pelo publico e pelos estudantes que vissem que tirar a cadeia de Pateo gra- fia. Mostrou-me tudo, explicou, indicou as estantes onde estavam os codices que me po- deriam interessar e disse ao sergente (uni- co pessoal naquela altura (por sinal o arcebispo sacristão da capella universitaria) que eu po- deria dispor, a meu talento, de toda aquella papelada e livraria — a qualidade que não posso esquecer.

Passei, realmente, naqueles primeiros tempos, a ser o unico frequentador do Arquivo; o pobre sacristão, alheio a' sua nova função, aborrecia-se e subia a escada para o patio dos Gerais para ir fumar o seu cigarro e tomar ar á sua vontade.

Uma vez por entre apareciam uns estudantes a quem davam uns exemplares de perparrinho encaixilhados entre dois vidros e com moldura fechada a cadeado; os rapazes, visivelmente desinteressados de tal leitura, faziam o possível para se não demorarem. O unico que se demorava era um padre, bastante novo, tipo amanheado, com olhar vivo, que se dedicava ao trabalho com atenção; a pouco e pouco começámos a conversar, a trocar impressões acerca dos respectivos trabalhos e pareceu-me que era creatura classificada nos estudos. Muitas vezes saímos juntos, á hora de fechar o Arquivo e iamnos palestrando até á Porta-Ferreira; ele sempre amavel, com voz um pouco meliflua, atento a cortêsias e cerimoniais e eu a ver nele mais um padre que pretenderia ser professor da Faculdade de Letras.

Era, afinal, o Rev.^o Manuel Gonçalves Beryeira, estudante laureado da Faculdade.

Foi assim que conheci e mantive boas e cerimoniais relações com o futuro cardeal-patriarca — até à sua ascensão ao arcebispado de Milene; de então para cá... passe muito bem!

Varias vezes, no Arquivo, discutimos interpretações de abreviaturas nos documentos medievais e manda a verdade q. re diga que foi sempre para comigo muito atencioso, sem enfados ou enfaturamento. Mas depois, passou a outra hierarquia a que me não é dado chegar e nunca mais houve occasião de lhe falar — com o que nenhum de nós certamente perdeu.

Ora voltando ao Arquivo: revolvi muito do livro, muito documento, tomei abundantes notas e fiz não poucas copias; com o tempo o velho pacristão foi aposentado e nova organização e arrumação com mais pessoal de certa categoria, começaram a dificultar as consultas; e quando para lá foi o Rocha Madal como conservador e ditador depois de um typico que este venceu

por tristes malas-artes, as dificuldades aumentaram e eu comecei a abandonar a casa. Aborreci-me e mudei de rumo.

Mas não autêçipêrnos.

Foi por essa altura que comecei a frequentar o Cartório do Seminário onde era carturario um Padre Leemos que fero meu discipulo de meu Tio Francisco de Assis Di. meuta quando este fez o seu curso teologico em Coimbra. Recebeu-me bem quando procurei para solicitar autorizaçao de consultar os livros parochiais; disse-me que falaria ao Prelado, eutão D. Manuel Luis Coelho de Silva, bispo severo e disciplinador e que me preveniria.

Vi depois a saber mais tarde que houve deuassa a meu respeito; fizeram-se consultas e tudo terminou em bem... Saí aprovado e autorizado a ir ao Cartório sempre que quizesse; e a autorizaçao foi tão larga que, com o tempo, cheguei a ir ao cubiculo do porteiro do Seminário tirar as chaves e entrar no Cartório como pessoa da casa.

Lembro-me de que uma vez umas senhoras, m.^{to} beatas, que me conheciam,

deram comigo a entrar, sem cerimonia, no cuticulo, a virar as chaves e a ir com elas na mão e levou á vista, para o edificio de S.^{to} Thomás de Aquino onde estava o Cartório; notei o espanto (se não o terror) das damas; cumprimentei-as com os meus melhores modos e peguei, triunfalmente ao meu destino — enquanto que ellas, de certo, teriam dito uma para a outra que, com certeza, o mundo estava perdido...

O P.^o Leunos para coonestar a minha presença no Cartório, apparecia por lá muitas vezes, aproveitando a necessidade de condições requeridas; mas era doente, diabético e cardiaco e fazia-se substituir repetidas vezes por um seminarista do ultimo anno do curso.

Travámos relações; ele parecia interessar-se pelo meu trabalho e achei-o simpatico e pareceu-me intelligente e vivo. Com o tempo e depois da morte do Leunos (que foi morrer a Liras, sua terra natal) o rapaz era mais assiduo, conversava, perguntava coisas e ouvia-me com atenção quando eu fazia a apologia da invenção historica.

Terse rapaz ordenou-se, começou a ir ao Senhor da Serra de Semide praticar nos permões, feição especial da romaria de Agosto e a pouco e pouco não só por interesse intelectual próprio como também por instigações minhas, pensou em fazer uma monografia relativa á capela, á romaria, ás tradições, etc. E se bem o pensou, melhor o fez.

Eu dei-lhe tudo quanto até aí tinha apurado relativamente ao Sr. da Serra (que, malta a record. não era muito); quize-o dentro de limites, e' claro e ele lançou-se ao trabalho. Pesquisou arquivos particulares, frequentou a Torre do Tombo, etc. e publicou o livro que teve por título O Divino Senhor da Serra de Semide⁽¹⁾ onde cita lealmente a minha colaboração — embora não se estenda muito como era conveniente.

O autor, João da Silva Campos Neves foi levado depois para Lisboa pelo benejeira como coadjutor do Patriarcado, com o título de Bispo de Vatarlia; e hoje é bispo de La-

(1) In 8.º de

meço aude parece que tem feito obra de certo nullo dentro do actual espirito da Igreja Romana.

O mestre era bom e o discipulo era esparto. Que lhes prestem as boas qualidades e rigâmos pois ha mais que dizer alem das minhas amizades episcopais.

A projectada monografia sobre Miranda do Corvo ia crescendo ahi, para melhor dizer: os elementos colhidos iam aumentando consideravelmente.

Na Bibliotheca da Universidade que frequentei assiduamente, tracei relações com o Sr. Francisco Martins, antigo Lente de Theologia, que accitou reger cadeira na nova Faculdade de Letras; um dia dirigiu-me ahi vellemente dizendo-me que fôra contemporaneo ou condiscipulo de meu tio Francisco de Assis Dimenta ou do outro tio José Augusto Dimenta; não me recordo já a qual deles se referiu e mostrou-me uma bolsinha de prata que fôra presente dado por esse meu antigo companheiro.

Era homem simples e bondoso, nada sectario, bom conversador; e ás vezes fica-

na-se á palestra por muito tempo comi-
go ; contava-me coisas de Campo Maior
de onde era natural e dava-me indicações
de livros que eu poderia consultar para
os meus trabalhos.

Fiquei, na verd.^a, gostando dele e vive
peço, um pouco mais tarde, quando ele
recorreu na aula, fulminado por pouco
pe cardíaca ao dar a sua lição em pé,
junto do grande quadro de ardósia onde es-
crevia certas notas.

Era pessoa alegre, parecia-me sempre
bem disposto. Um dia, ao entrar na Bi-
blioteca e ao ver-me sentado, como de
costume, a uma das mesas com calhama-
ços em frente, disse-me com o sorriso na-
tural :

— Há estamos na nossa demanda de
Góis...

Eu cumprimentei-o mas, m.^{to} natu-
ralmente vi na minha cara que não com-
preendera a frase. Sentou-se então no
banco, familiarmente, e disse-me :

— Parece-me que não sabe o que são
as demandas de Góis...

Respondei que, na verd.^a, não sabia. E

ele então contou-me que a vida do Gais foi, nesses tempos notável pelas questões e questionculas levantadas que causavam demandas deusaradas e por vezes violentas. Pelo seculo XVIII houve uma que, de instancia em instancia, veio a ser, publico ao Desembargo do Paço; o autor dela, fidalgo rico, resolveu ir á capital acompanhar de perto o processo e logo que chegou foi á sala do Desembargo para conhecer o ambiente. Entrou e ficou um tanto au quanto surpreso por notar que ninguém reparára nele; os grupos que estavam e conversavam, continuáram nas conversas sem darem pelo visitante.

Para se certificar, o homem dirigiu-se a um grupo que lhe pareceu mais acessível e meteu conversa:

— Então, meus Senhores, o que se diz por cá?

Os interrogados olharam uns para os outros sem saberem o que responder; mas o fidalgo insistiu:

— Sim, o que se diz por cá a respeito da minha demanda?

Um dos do grupo arriscou amavelmente:

— Qual demanda?

O homem, com os braços no ar e já a zangar-se:

— Oh senhor! é a demanda do Gais!

Os outros, com ar indiferente, ficaram-se a olhar para o demandista que replicou com a redome:

— Sim senhores! a demanda do Gais!

Peraute a indiferença dos circunstantes ouviu-se uma voz pausada responder-lhe brandamente:

— Não pueu deo por isso, ainda... não sabemos o que isso seja...

— Essa é boa! bradou o fidalgo.

— É assim mesmo... Não pueu aqui fala na demanda do Gais.

— Pois lá, respondeu o demandista já muito irritado, lá não se fala em outra coisa!...

O dr. Martins riu-se muito ao terminar a historietta e moralizou esse bonho-nua:

— É o que nos acontece a nós... Andamos, cada um, com as nossas demandas e... não pueu lá por isso!

Achamos graça e rimos-nos, ambos;

mas hoje, passado quase meio século,
é que vejo bem como o bom Dr. Francisco
Martins previu o futuro dos meus traba-
lhos sobre Miranda do I.º.

Na verdade ninguém deu por eles.

E quanto aos do Dr. acerca do Campo
Maior, para manografia ideubica á minha,
naturalmente com a morte publica seriam
dispersos ou vendidos como papel inutil —
que é a triste parte de muitos estudos traba-
lhosos e poderiam ter alguma utilidade.

E assim o ano foi correndo e a politica
continuava acêsa e ambigüa. Os democra-
ticos teimavam em querer por uma especie
de partido unico; intolerantes, sem com-
preenderem os perigos da teimosia, só pre-
savam em crear clientela e manterem per-
manente predomínio eleitoral.

Com o bom Ten^{te}-cor.^{al} Francisco Gomes
conversei muita vez acerca do assunto; ele
estava filiado, já ha tempo, no Partido Unio-
nista e era amigo pessoal do Brito Camar-
cho e assim nos entendiamos bem a res-
peito da situação creada pelos erros de qua-
re todos.

Eu então resolvi filiar-me também embora fosse contrario (não sei por que especie de repugnancia) a qualquer filiação. Mas as involuções dos democraticos levaram-me a afirmar o meu protesto e em qualquer dia de Maio escrevi para a redacção d' A Luta com a seguinte adesão por escrito.

Em 16 do dito mês A Luta noticiava o facto com regosijo e em local escrito segundo me disseram pelo Julio Dias da Costa, fiquei sabendo que a minha adesão honrara muito a União Republicana...⁽¹⁾ Assim fiquei unionista até á dissolução do partido uns anos mais tarde.

Pouco depois surgiu a questão da criação em Lisboa de nova Facult.^{de} de Direito, em que, pelo que se sabe, me vi envolvido.

O Parlamento, em 30 de Junho, aprovou uma Lei ou decreto que creava na Universidade da capital uma Faculdade de Direito; o facto causou certa commoção em Coimbra.

(1) No n.º 2664 de 16 de Maio de 1913. Guardo a local na collecção de recortes.

e as chamadas «forças vivas» alvarozaram-se. A Academia, em resposta, manifestou-se ruidosamente a favor da nova Faculdade e reuniu para a rua, quase em massa, aos vivas e aos muernas; alegremente desceu à Baixa gritando certos ditos ao Comercio local.

Reunidas as «forças vivas» nomeou-se em seu nome uma Grande Comissão de Defesa da Cidade de Coimbra em que, de mistura com muitos republicanos havia varios monarchicos que em nome da Causa começaram logo a manobrar inteligentemente, como era natural.

O comercio fechou as portas e a cidade apresentou o aspecto de terra abandonada. Certas empresas fecharam com evidente prejuizo, como a Typografia Auxiliar de Escri-torio de meu tio Albino Caetano da Silva.

A occasião era excelente para a manobra monarchica e alguns republicanos, infelizmente poucos, viram o perigo. A' pom-ba de muitos republicanos sérios e do projecto geral do Comercio e da Industria, os monarchicos iam acubando e complicando o problema — pois o governo a que me

pidia o dr. Afonso Costa declarou categoricamente que manteria a Lei de 30 de Junho e cheguei a mandar p.^o Coimbra um esquadrão de Guarda Nacional Republicana com ardeus terrinautes (dizia-se) para fazer abrir as portas dos estabelecimentos á força se o protesto continuasse.

Era um teco sem saída.

Passados uns dias cumpriam-se bem isso. Eu nada tinha com o caso, directamente, é claro e não concordei muito com o movimento de protesto tão espectacular; mas em conversa com outros maçons, alguns dos quais metidos na chamada Grande Comissão, viu-se o perigo da intransigencia por parte da cidade e resolveu-se fazer uma reunião no templo da Loja Portugal de que eu era Veneravel.

A opinião quase unânime foi de que se apelasse para o Grão-Mestre da Maçonaria para exercer a sua influencia junto do Governo na intenção de se achar uma solução airosa. Por má parte, fui eu o encarregado de ir a Lisboa falar com o Alvaro de Castro, então ministro de Justiça que me devia apresentar ao Pai, então o Grão Mes-

tre não me recordo se efectivo se interino.
 E rim, embora castrado, d' capital. ⁽¹⁾

Sabro erro, deveria ter vindo em 6, no
 rapido da noite, dia em que a Grande Co-
missão de Defesa publicou uma Nota Officia
 na aconselhando « a maior firmeza e ener-
 gia » e a continuar na « sua attitude ardei-
 "ra de protesto. »

A minha missão era, pois, difficil.

Procurei logo no dia seguinte o Alvaro
 de Castro no Ministerio; recebeu-me exce-
 lentemente mas disse-me, de entrada, q.
 o Afonso Costa estava irreductivel; no entre-
 tanto aconselhou-me a ir falar-lhe não só
 para lhe expr., francam.^{te}, as opinioes dos mo-
derados como tambem para o ouvir e poder
 transmitir em Coimbra o que ele dissesse.

Depois de peripécias curiosas causadas pe-
 lo percuosamente com humôr do Alvaro, fui
 levado ao Ministerio das Finanças onde se ia
 reunir um Cons.^o de Ministros. Encontrei em
 um salão em que estavam os ministros em
 grupos, falando animadamente, pois rim

⁽¹⁾ Em frego o termo rim porque o capitulo
 foi todo escrito em Lisboa.

a saber que esse Conselho se iria escolher o prim.^o ministro da Instrução — escolha que recaiu no dr. António de Sousa J.^o

O dr. Afonso Costa estava sentado á cabeceira duma grande mesa, lendo e remexendo os seus papellada. Poucas relações, muito poucas, tinha com elle desde os tempos de Coimbra; recebeu-me, porém, afavelmente e mandou-me sentar na primeira cadeira á sua direita, que julgo competia ao Ministro da Guerra que era, então, o car.^o do Estado-maior João Pereira Bastos.

Teu hesitei... Mas perante a hesitação em sentar-me, disse a seguir:

— Sente-se, sente-se, meu caro Tenente... Já aí se tem sentado pessoas com menos direito...

A frase podia ser simples a qualidade ou então tapada para envidar o golpe de mão da Província... Não sei e fiz de conta que não percebi.

Sentei-me e ele já avisado pelo Alvarro expoz-me com clareza a situação do Governo perante o protesto de Coimbra que lhe parecia exagerado e estava a ser explorado pelos adversarios não só da Republica como

também pelos do Governo — então faria do só por democráticos; disse que Coimbra não perderia com a duplicação da Faculdade de Direito pois tinha recursos para progredir e que o protesto não era simpático por dar a entender que os principais interesses da cidade só eram de natureza comercial sem se atender a que acima deles estavam os problemas da instrução, etc.

Falou depois da perturbação que o caso trazia à marcha política nessa altura a ligação com o alastramento do Sindicalismo, com varias greves e outras complicações que englobou num gesto largo.

Deu-me uma lição interessante de política e de governo e terminou por dizer que accusasse eu os velhos republicanos de influencias que fizessem terminar o protesto e depois ele falaria com a melhor vontade acerca dos interesses de Coimbra; os velhos republicanos que compreendessem que ele, Presid.^{te} do Ministerio não podia tomar outra posição.

Despedi-me convencido de que, por ali, nada mais se faria e pedi ao Alvaro que solicitasse do Pai, o Com. Dr. José de Castro, a

ido ao Grémio Lusitano, á noite, para falar comigo.

Na verdade, á noite, lá estavam o velho adrogado assistido pelo Goulart de Medeiros que era o presidente do Cons. da Ordem e pelo Filipe da Mata, alto dignitário, numa das salas do Grémio, á minha espera. O Dr. José de Castro recebeu-me bem, até poderei dizer afectuosamente; mas pareceu-me vermos tres certa cerimonia, talvez de recessio pela gravid. do assunto que ali me levava.

Termin, depois dos preliminares do costume, quiz-lhes a questao e referi-me á converssa com o Dr. Afonso Costa; o Dr. José de Castro, ponderadamente, expoz a sua opiniao discordante com o protesto de Coimbra; o Goulart de Medeiros, mais vivo e menos cauteloso, censurou tudo com certa acrimonia — e só o Filipe da Mata se manteve calado, até sem qualquer gesto que desse a entender o que pensava.

Teu estava a ver que perdia o meu tempo e resolvi pôr a questao com nitidez: as Lojas maçonicas de Coimbra pediam ao Grão Mestre que se viesse de arbitro na pendencia e que, com o seu prestijio pessoal e lucidez

de inteligência procurasse encontrar solução airosa para as duas partes.

O Dr. José de Castro, com o seu temperamento bondoso, concordou em parte e depois de se discutir os prós e os contras, por serem arredados pelo Doutor de Medeiros, asseverou-se misto que eu, deante deles, escrevi: o Grão Mestre para poder negociar com o Governo, pedia que a cidade suspendesse o protesto e compromettia-se a sustentar em toda a parte os interesses de Coimbra; e ainda afirmou que, se o Governo faltar ao que se ajustar, compromettia-se « pelo seu honra » a guerra-lo empunhando nisso o tris maçónico e o presbiterio da Ordem e a fazer-lo cair se tal for preciso; com outro Governo que venha, a Maçonaria manterá junto dela o interesse pela cidade e compromettia-se ainda a trabalhar no Parlamento no mesmo sentido — pois entendia que isto tem alta importância para a Maçonaria. Quanto á manutenção da nova Facult. de Direito a Maçonaria entendia que era facto consumado e possivelmente de utilidade para a Instrução em Portugal; e entendia tambem que o funcionamento da mesma quer gradual, quer em cheio, deveria

ser obra do Ministro da Instrução que me
se mezes dia de nomear.

Quiz-me parecer que a solução era boa,
tanto quanto possível; e, de mais a mais,
a honrabilidade do Dr. José de Castro era sufici-
ciente garantia e deveria ter em conta que
o Afonso Costa não era homem para recuar.

E para prova de q. a situação em Coim-
bra não melhorara, tinha recebido, no ma-
nhã desse dia, de meu tio Alino da Silva,
umas copias da nota officiosa de 6 a que aci-
ma me referi com o pedido de as fazer afixar
nos «placards» dos jornais diários — o que
não fiz porque isso iria agravar mais a ten-
são já de si aguda.

Por tudo isto pareceu-me que a solução
apresentada era a melhor possível e decla-
rei então ao Dr. José de Castro que iria, logo no
dia seguinte de manhã para Coimbra e ex-
poria aos amigos o que se passara e as im-
pressões colhidas; agradei muito a boa
vontade do Grão-mestre e prometi telegra-
far logo que alguma coisa houvesse que al-
terasse o plano formado.

E saí do Grão-mestre convencido
de que não seria triunfado na minha mis-

são mas que, possivelmente, ajudára a afastar uma solução violenta e inevitável.

No dia imediato, 8, antes de ir para o comboio, telegrafei ao Julio de Figueiredo Fonseca que pertencia á Grande Comissão, para reunir o grupo de melhos republicanos que resolvesse a minha vinda a Lisboa, á chegada do comboio; compareceram todos e fomos conversar para o Templo da Portugal onde expuz com minucia o que se passára.

Mas, na minha ausencia, felizmente, as coisas modificáram-se um pouco pois se começára a ver o perigoso Ueco sem pai da em que se meteram; mesmo os mais intransigentes monarchicos cediam terreno; de modo que na reunião do Grande Comissão que se iria fazer pouco depois desta conversa no Templo, os maçons que dela faziam parte e já industriados pelos que me enviaram, propuzeram claramente, alegando varias razões de prudencia e considerando que o Governo não cederia um passo, que seria melhor dar o protesto por findo e como sufficiente para mostrar a sua unidade e mobilidade de justiça e voltar á vida normal da cidade e confiar em que o Governo não vise no

protesto uma acção de politica hostil mas sim uma maneira de expôr causas de descontentamento, etc.

Lembro-me de que esta proposta foi architectada ainda no Templo da Portugal por mim e pelo Julio Faureza e aprovada pelos presentes; era um pouco jesuitica, na verdade, mas peria a forma de acabar com uma situação que já não poderia durar sem graves consequencias.

Daímos do Templo e os que pertenciam à Grande Comissão foram para o Teatro Avenida onde ela funcionava permanentemente; eu peguei para casa e lembro-me de que encontrei o velho amigo Hermenegido Barja dos Santos em frente do Teatro onde se conservava sempre muita gente curiosa á espera das sessões da Comissão; conversava ele com uns individuos que não conheci; troquei com ele tipicas palavras de saudação e peguei rua acima.

Dias depois, estando com este bom amigo e contando-lhe o que se passara em Lisboa, disse-me ele que ouvira a um operario cujo nome citou e que era desconhecido, a seguinte frase, apontando para mim:

— Vai ali o coureiro do movimento...

A frase foi discutida no agrupamento, uns a favor, outros contra; não era juridicamente verdadeira mas, na verdade, tinha certa razão de ser — com o que, aliás, me não arrependi. Apenas fiquei surpreso da inconfidência havida. Queem informaria o rapaz da minha missão a Lisboa?

Adiante.

A' noite fui á Baixa saber o que houvesse; e de facto a notícia de que o protesto acabara e no dia seguinte a cidade tomara a vida normal, andava de boca em boca. Voltei para casa sossegado e fiz os rascunhos de duas cartas que mandaria no dia imediato e que aqui vou transcrever para lembrança de uns das missões desagradáveis que me cairam sobre as costas.

Assim terminou a questão.

É claro que depois não peguei o desenvolvimento das negociações; não tomei notas e por isso nada aqui posso dizer com alguma exactidão. Queem quizer saber mais, terá que consultar os jornais do tempo; mas tenho ideias de que, com a intervenção do Dr. José de Castro e do filho Álvaro, o Dr. Afonso

Costa amaciou e fizeram-se promessas amigáveis que, com a instabilidade ministerial, não se se teriam cumprido.

O certo é que a Faculd. de Direito ficou em Lisboa e, como a de Coimbra, tem fornecido ao País a serie magnifica de bachareis de toda a especie que tem feito a felicidade da Nação Portuguesa...

Mas vamos ás cartas:

« Coimbra - 9 de julho de 1913 - Ex.^{mo} Sr. Dr. José de Castro — Que não telegrafei a V... porque nada tinha que dizer. A Comissão de Defesa é muito grande e não foi possível tão depressa como seria desejavel quebrar uma ou outra intransigencia — quanto á questão ~~particular~~ especial da existencia de uma segunda Faculd. de Direito. — Contudo, conseguim-nos outra coisa: como a Comissão não quer reconhecer a Faculd. de Direito em Lix. (o que colocava a questão no mesmo pé), resolveram-se voltar á normalidade e sabendo-se que o Gremio Lusitano accitaria o ser arbitro na pendencia, resolveram-se tambem depositar no seu Presidente todas as justas reclamações da cidade para que ele, com

a sua alta competência, aprecie o que melas
 ha de justiça e proceda como a sua consciên-
 cia lhe ditar. — Creio que se não desviau qual
 a questão e que da mesma forma vai dar na-
 ler á nossa Aug.: Ord.: e que su.º tem jode-
 rá fazer a esta terra. — Em breve mandarei
 a V... eu ao Tr.: Presidente do Cas.: da Ord.:
 o que sobre o caso a Mac.: do val.: entenda
 dever dizer. — No entanto, desde já me atri-
 vo a pedir a V... a sua intervenção para o
 seguinte: a Camera pediu, no começo do
 conflito a demissão; prepara-se a nomea-
 ção de uma comissão nova composta de crea-
 turas que não estão á altura dos lugares, mo-
 ral e intelectualmente; não se poderia fazer
 com que, desde que a cidade voltou á normali-
 dade, o Governo recusasse a demissão pedi-
 da? Este é o desejo dos nossos Tr.: que eu
 como a Libert. de transmitir a V... — Agrade-
 cendo tudo, seu, etc. etc. »

Segue a carta para o Alvaro de Castro,
 em estilo mais familiar:

« Coimbra, 9 de Julho de 1913 — Meu pre-
 zado amigo: Em primeiro lugar, quero

agradecer a maneira amigável e atenciosa com que me trataste, a que eu fico reconhecido. — Quanto á questão de Coimbra devo informar-te de que, falando na 2ª feira á noite com teu Pai, este me disse que não tinha duvidas, como presidente do Grémio Lusitano em procurar, por todas as formas, solucionar e aliciar o conflito — e eu, reconhecendo a importância desse auxilio, tenho procurado (desde que cheguei, ontem de manhã) fazer com que a cidade volte á normalidade para que depois o presidente do Grémio Lusitano, arvorando a bandeira da Paz, possa livremente quebrar esta ou aquela aresta de uma e outra parte. — Terceiro que se consegue este excelente desideratum e tudo se encaminha para que a seguir as coisas retornem o seu estado anterior. — Sinceramente, conto também com que o Excmo. Ministro de Justiça, em tudo o que puder, procure fazer todo o bem a esta terra que afinal não merece o mal que quase todos lhe querem. — Deves saber q. na minha insignificancia, recei muito prazer em te ser agradável; por isso espero que meendes o que é teu deb. amigo e grato, etc. »

A minha acção, neste caso complicada, creio que não se exageraria. E se eu tivesse capacidade para isso, deixaria aqui umas paginas divertidas acerca de episodios succedidos com o Alvaro de Castro que se via-lhe de mim para fugir a uns pretendentes que o assediavam; e outras paginas acerca da minha entrevista com o dr. Afonso Costa, reunido á mesa do Conselho de Ministros e em na cadeira polemica do Ministro da Guerra e não o Pereira Bastos.

Mas adiante: não seria capaz de escrever com brilho e audo com jressa em acabar esta tarefa das memorias antes de me falar a vista, ou o pulso, ou ... a propria vida.

Foi por esse altura que se deu o caso da estatua de Imaculada Conceição erecta no adro ou pátio da Igreja de S.^{ta} Clara, pertencente ao antigo convento.

A estatua, impositiva como era, não fazia mal a ninguém se não fosse, de arizem, uma manifestação reaccionaria perfeita.

Os republicanos e especialmente os maccans, ao passarem no pátio ou a olharem de longe os altos de S.^{ta} Clara, reprovavam

com a estatua, no alto da coluna, levou á vista, como se dissesse: « quer queiram, quer não, eu cá estou no poleiro! »

Um dia o assunto foi tratado nos Tem-
plos maçomnicos e solicitou-se a interferen-
cia do Conselho da Ordem no sentido de conse-
guir do respectivo ministro a ordem do botar
abaixo. Eu ainda falei no caso, em 1912,
ao meu cunhado Ant. Aurelio da Costa Fer-
reira quando este foi ministro do Fomento;
mas, com o seu espirito tolerante e superior
(e com razão) a estas pequenas catirricas,
riu-me e perguntou-me se a estatua fazia
mal a alguém...

Realmente a estatua não fazia mal a
ninguém e o Costa Ferreira não deixava de ter
alguma razão; mas também é verdade que
os reaccionarios se rião da fragueza do regime
que os deixava ás voltas e ~~era~~ iam aprovei-
tando a tolerancia e boa-fé dos governantes
para prepararem (como afinal prepararam)
o golpe de misericórdia.

Enfim, a questão continuava. Não me re-
cordo já de pormenores; mas lembro-me
de que alguns exaltados, perante a demora
da resolução ministerial, pensaram em

dinamitar, de noite, o monumento. O
 bom senso, porém, dominou e nos fins de
 Junho os jornais anunciaram que o ministro
 deu a atenuada ordem.

E a estatua foi apeada e arrecadada lá
 dentro, entregue á confraria. (1)

Depois... veio o verão. Não me recor-
 do se houve qualquer outra coisa digna de
 aqui ficar mencionada; naturalmente con-
 tinuei na minha tarefa com a preta de des-
 vender os arcanos da história de Miranda
 do Carmo, com a tolerância do bom ten.º cor.
 Francisco Gomes, meu comandante, tarefa
 (ná lá a confirmação!...) de que hoje me arre-
 pendo embora pelo resultado. Poderia ter
 empregado o tempo e a actividade em traba-
 lhos de mais proveito.

Ten fim, paciência.

E vive-a e bastante perante tanta in-
 comprehensão dos mandantes e influentes
 no concelho, cheios de justiça e de ignoran-
 cia. Mas, adiante: vamos seguindo, que

(1) Depois de 1926 foi novamente erecta mas
 no claustro, e á esquerda...

ainda ha muito que dizer e muita coisa para contar. Oxalá tenha tempo para tudo isso.

Em Setembro, tive pela frente segunda Escola de Repetição e, desta vez, fora da Terra. Não tratei de saber para onde iria; entreguei-me ao acaso das escalas ou das nomeações feitas não sei com que criterio nas repartições do Minist.^o da Guerra.

O certo é que fui parar ao regimento de Infantaria n.^o 21 que se concentrou em Castelo Branco, no quartel do seu 2.^o Batalhão, antigo quartel de Cavalaria.

Lá fui no dia 11 do dito mês de Setembro com os tenentes Luis Guilherme Nunes de Carvalho e Cesar Azevedo da Costa Cabral, ambos da garnição de Coimbra. No dia seguinte, feita a apresentação, fui nomeado como tenente antigo, comandante da 3.^a Companhia do 3.^o Batalhão — a ultima companhia do regimento, isto é, a do caudo da columna.

Nos dois dias de preparação da Escola, demos uma vista de olhos á cidade que me não agradou muito. Do castelo ha boa mirrada contra a Guardunha, a Estrela e suas

solu a direita, o verso leu pronunciado da
 Serra da Gata, já em Espanha; para o Sul,
 é a planície mais ou menos alentejana.

Foi-me distribuído o plano da Escola que
 aqui deixo reproduzido por curiosidade. O co-
 mandante do regimento durante a mesma
 era o cor.^{el} do Est.^o Major José Gonçalves de
 Mendonça J.^o que me deu a impressão de
 homem irresoluto, sem realer, apenas teno
 erata do Estado-Maior sem hábitos de lidar
 com tropas; era correcto e distinto de maneir-
 ras como pessoa bem educada. O comandan-
 te de Batalhão era o major Guilherme da Cos-
 ta Passos, beirão de Beomacôr, bom homem,
 insignificante, sem culturas de qualquer espé-
 cie e talvez pouco inteligente.

Na conferencia preparatoria que fez aos
 officiais do Batalhão, limitou-se a ler o tê-
 ma dos exercicios e terminou por dizer, sor-
 riendo, que quem melhor desse ao inimigo é
 que venceria a campanha. E levantou a
 sessão sem mais cerimonia.

Vim encontra-lo depois em Coimbra como
 Inspector de Infantaria. Inspectar!...

Segue o quadro com o plano de marcha tal
 como me foi entregue:

Quadro da distribuição do tempo:

Local da partida.	Local da chegada	Distância	Manobras p. ^{as} executar nos diversos dias:	Forma de estacionamento.
Castelo Branco	Casa de cota 360 estrada Castelo Br. ^o - local de Paixo	6,5 ^k	Dia 15 Marcha. Escola de soldado, júlio rão, companhia ou batarias	Primo que
Casa de cota 360	S. Miguel d'Acha	20,5 ^k	Dia 16 Marcha. Escola de companhia ou bataria, batallão ou grupo. Marcha e serv. ^o de segurança. Ataque ás posições q. defendem a ponte de S. Gens. Segue a marcha p. ^o S. Miguel d'Acha.	Acan Kona. maut.
S. Miguel d'Acha	Pearuaçã	25,6 ^k	Dia 17 Marcha. Ataque á povoação de Pedregão e das alturas do sul. Continuação da marcha p. ^o Pearuaçã e estabelecim. ^o do serviço de segurança.	Idem
Pearuaçã	Capinã	19,5 ^k	Dia 18 Marcha. Ataque das posições q. defendem a ponte da Meimã. Segue marcha p. ^o Capinã. Estabelecim. ^o do serv. ^o de segurança	Idem
Capinã	Alf. deinha	20,9 ^k	Dia 19 Marcha de retirado em 2 colu. nas q. depois se reunem numa	Idem

			so. Comandante de guardas da esquadra no vale da Caprinha. Estabelecim. ^{to} do serviço de segurança é rectaguarda de Alpedrinha.
Alpedrinha	Alcains	23,6	<p style="text-align: center;">Dia 20</p> Marcha sem retinada, tendo a guarda do rectaguarda de combater em 5 posições successivas. Estabelecim. ^{to} do serviço de policia.
Alcains	Cast. ^o Branco	12,3	<p style="text-align: center;">Dia 21</p> Marcha simples a quartéis

Quartel. General em Tomar, 1 de Setembro de 1913.

O Chefe do Estado-Maior
(a) José Fernandes Costa
Ten. Cor.^o

Ao partir de Castelo-Branco pela tarde de 15, caía uma chuva muito fria, incómoda, que dispôs mal toda a gente. Fizemos uma pequena marcha de 6 quilómetros e meio pela estrada que sobe para Escalvos de Cima; ao chegarmos ao local do tinague o terreno já estava encharcado e a Manutenção Militar teve de mandar m.^{to} fardo de patha para as camas. Eu e os meus dois subalternos ficámos na mesma tenda, a espe-

ra que a chuva, então em grandes batedas, amainasse um pouco p. comermos algumas coisa e darmos o rancho á soldadesca.

À noite eu e pelo campo apenas o ruído das sentinelas se destacava e o terilho das fogueiras das cozinhas, a custo mantidas, ia amortecendo. A certa altura, uma reviravolta do tempo fez com que a chuva parasse e despontasse um belo luar; deu-se então o rancho de que nós comemos também porque as nossas cozinhas desapareceram com a chuva; não a peguei o recolher e nós passámos uma noite má — pois a humidade era intensa, de terra molhada, e o frio era superior a uns cobertores que cautelosamente tínhamos trazido.

No dia seguinte a marcha começou também de baixo de chuva; houve exercício em q. a minhas companhias, na reserva, não chegou a entrar; e pelas 2 h. da tarde chegámos a S. Miguel d'Alta, aldeia pertencida onde as casas quase não tinham cal mas em compensação nas janelas e balcões havia vasos com flores e tapetes pintados pitorescos de trepadeiras que tinham até ao parapeito da rua. Terra curiosa para o etnógrafo e até

para artistas suas que, para quem chega
na molhada e sujo de lama depois de 20 qui-
lômetros de marcha, não apresentava grau
de esperança de qualquer comodidade.

Depois das inevitáveis hesitações, o regi-
mento foi acantonado apesar da exiguidade
do povoado; a mim e aos meus oficiais foi
dada uma casa quase vazia, sem camas;
teve a Manutenção de suprir a falta de col-
chões com fartura de palha sem que dormimos
mais ou menos resignados.

O dono da casa, porém, um bacharel em
Direito que casara em Coimbra com uma
patriciã minha, filha do conhecido Padre
Pedro de Albuquerque, ofereceu-nos o jau-
tar que não saute mal e nos evitou o tra-
balho de organizar as cozinhas.

Este bacharel cujo nome agora já me
não lembra, era em Coimbra um bêbedo
autêntico e segundo ouvi dizer na aldeia,
manutinha a tradição. Ao jantar, todavia,
foi correcto e liberal.

A escola de Repedição continuou mais
ou menos ~~sem~~ conforme o plano; em re-
memorar o melhor passo foi fidalgo: ofere-
ceu de jantar aos oficiais do seu batalhão

no seu proprio solar, jantares de sete pratos a que fizemos as honras como esportes dos que palmeitharame 20 kilometros sem comer.

E ainda a mim, comand.^{ta} de Campa. ncia, foi-me oferecido um quarto excelente, de mobilia aubija, com cama de lençois ricos que deu certo repouso agradavel.

Depois peguei-me marcha para a Capita eude dominios em bivaque junto de um monumento á Virgem, no jardim do palacio de certo milionario Franco Brazão emigrado em Espanha por ter ajudado em bobendas com o Pai da Cauceiro.

Lembrei-me de que apesar da protecção celeste afanchei frio e humidade que me fizeram ter paudades de las causas colarempa do bom major Passos.

No outro dia atravessámos a celebre e fecunda Couva da Beira, direitos á Guardunha, á vista da Covilhã, alcançados á maneira de presepio nas altas de Serra; passámos pelos belos soutos de castanheiros, na subida para a portela e quando se alcançou esta de novo se avistava a glancie em g. apenas, á esquerda, se avistava o muro de

Monsanto — que, com o correr dos tempos foi elevado ás honras de aldeia mais paribysense deste jardim da Europa.

Depois Alpedrinha onde se bivacou pelos campos e praças da terra e pelos terrenos immediatos; a 20, de Alpedrinha, muito pitoresca vila cheia de frescura, lá fomos para Alcains, percorrendo a maior distancia que vivemos em toda a escola e no outro dia, finalmente, andados mais uns 12 quilometros, chegámos a Castelo-Branco sem novidade de maior e, diga-se a verdade, semos real dispostos.

Eu, pelo menos, lembro-me muito bem de que ia bem disposto, aparte certo cansaço natural depois de marcha de 125 quilometros continuos, com más acomodações e irregularidade de alimentações.

Percorri grande parte da Beira-Baixa q. eu não conhecia e lembro-me da impressões recebida no segundo dia de marcha, para S. Miguel d'Alca quando a chuva parou, os nuvens se rasgaram e delas emergiu o colosso de Monsanto, á direita, negro, a brilhar com o sol, como que suspenso no meio da névoa densa, parecendo, com algum esforço de imaginação, um gigante que ali surgis-

se de repente, a escorrer agua — para dentro em pouco desaparecer quando as nuvens voltaram a cerrar-se e a deitar chuva.

No mais, achei interesse na variedade de cenarios: a planície ao norte de Cast.º Branco, o grande dorso pedregoso de Penamacôr e os restos magníficos do seu castêlo; as subulações da Meimãa e da Caprinha; a subida para Fatela, a beira ampla da chamada Baía da Beira; o pitoresco alcautilado da Guardunha com a vista para os contrafortes do Estrela — tudo me agradou pelo inédito e me deixou vontade de por ali voltar um dia.

A 22 de Setembro regresssei a Coimbra, apresentei-me em 23 e fui á Figueira da Foz alugar casa para lá passar o mês de Outubro.

Foi nos Patheiros, quase a chegar a Buarcos, que encontrei um t.º andar convenientemente; lá passei o mês de Outubro por pinal q. com bastante irregularidade de tempo mas q. ainda me deixou dar umas voltas á serra da Boa-Vizem, como nos tempos de rapazinho quando subia por Tavarêde e depois de percorrer a lomba da serra descia pelo



Cabo Mourgo e que ficava a ver as ondas
na lida constante com as pedras.

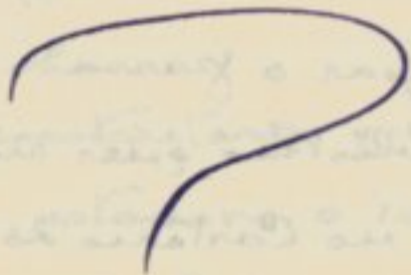
Team, então, bons tempos.

Durante este mês de Outubro houve no
na tentativa monárquica de rebelião; e me
não supão (nem vale a pena verificar)
foi a de Mafra que redundou em desastre e
duplo.⁽¹⁾ O caso foi tão simples que não me-
receu chamada de oficiais que estavam, co-
mo eu, de licença.

E assim o ano acabou, tristemente; e
a vida continuou na mesma tristeza.

Lista:

4/28 de Junho de 1862.



(1) Não foi em Mafra q. se deu esta ~~de~~
revolta. Não me recordo onde foi e, no recd., não
vale a pena verificar. Fosse, pois, onde fosse...
[Nota em Agosto de 1862, como errata].



IV

«... e com isto, o rosario dos aues
a esfiar-se nas traunzencias da von-
tade e nas orgias da imaginação.»

João Barreira: A rota do bergantim
& outras alegorias, pag. 50

«J'ai peu d'aventures à vous racon-
ter, mais j'en ai entendu beaucoup.»

Alfred de Vigny: Servitude e Grau-
deur militares, pag. 15 (Ed. de 1933)

Este ano de 1914, que vai agora começar,
foi na minha vida um pouco mais variado.

De começo, nada de novo; continuei com
a faina de investigar o passado de Miranda do
Corvo quer nas Bibliotecas quer nos arquivos uni-
versitários, quer no Cartório do Seminário; e
continuei na mesma situação oficial no Regi-
mento de Inf. de Reserva 23 com o Com. do Te-
mente-car. Francisco Gomes como comandante.

Até que, em fins de Abril, me prepara-
rei para ir até Mafra onde ia funcionar, pe-

la primeira vez, a Escola Central de Officiais com o curso chamado do 1.º grau ou seja de Tenentes para capitães.

La fui, no dia 1.º de Maio até a Quinta da Paz com a familia; e no dia 2 fiz a minha apresentação ao Coronel do Est.º Maior Tomás Ant.º Garcia Rosado, command.º e director da escola.

A escola funcionava, se não estave a reuenteir, no 3.º pavimento do edificio, em salas da ala sul e ala nascente. O cor.º Garcia Rosado era pessoa distincta, de apurado educação e passava por ser um dos nossos melhores officiais do Estado-maior. Usou sempre, para com os Tenentes, de perfeita urbanidade, collocando-se no seu lugar sem que a distancia hierarchica o impedisse de ser o mais possivel cortez e pronto, constantemente, para nos atender.

Entre os instructores que constituíam o corpo docente, estavam o Ten.º car.º João José Diniz de Cordes, do Est.º maior e o major de Cavalaria António Oscar Teóphilo Carmona, no mes que depois ficaram conhecidos por varias das suas antes imprestas, que o tempo causou não menos imprestamente.

Outro instrutor foi o ten.^{te} cor.^{al} de Cavalaria, Francisco Sá Chaves, oficial distinto e conhecido escritor militar que eu gostei de ouvir nas excelentes preleções que fez.

Os tenentes que frequentaram a Escola pertenciam a todas as armas e não me lembro se também serviços. Os de Infantaria pertenciam aos do meu curso da Escola do Exército e a chamada ainda apauhaus alguns do curso seguinte cujos nomes já me não lembram; o mais antigo era o José Leoni Palermo de Faria que na escala de aspirantes tinha o n.º 29 e por consequência era o chefe de turma e até o mais antigo de todos os concorrentes — o que o aborrecia muito porque ás vezes tinha que exercer funções oficiais perante os instructores ou perante o proprio director.

É curioso lembrar que os meus companheiros, apesar de tenentes antigos e todos com mais de 30 annos, na sua maioria, e mais de familia, não perdiam os hábitos de collegiais, isto é, em certas occasiões ressumiam-se dos vícios dos tempos escolares como a desconfiança, a emulação, algumas enascadelas proprias de meninos de escola, heritações improprias perante problemas sim-

ples, âncias de conquistar tua classificação
mesmo á custa de frequenas deslealdades,
etc. etc. — misérias correntes na polve da
humanidade desde (segundo dizem) o venera-
vel Pai Adão e respeitavel familia.

No entretanto o curso correu pelo mo-
vidade de nuahir; os instructores foram polici-
tos e procuráram nuahir; as sessões, por ré-
zes, eram monotonas (como as do Sinel de
Cardes que tinha pessima exposiçã) mas cor-
reram toda a escala das obrigações dum futuro
capitão quer no campo quer no quartel.

Tivemos missões exteriores e lembro-me
bem de que eu e mais dois companheiros, o
Aurelio de Azevedo Cruz e o Vasco Braz de
Caempes, tivemos que fazer um reconheci-
mento do caminho Igreja-Nova - Mata
Grande - Mata Pequena - Casal de São Paulo,
caminho ao tempo do vale da ribeira de Cha-
leiros até quase á povoação do mesmo nome.

Foi missão dura porque atravessámos
uma trovada com chuva torrencial e tive-
mos que percorrer caminhos inumerosimos
que não sei como chegámos ao fim sem tran-
suhão dos pobres cavalos por seres transpor-
tados em cabras.

Seu Chefe nos metemos os animais
 numa cavalaria e fomos alcaucos numa
 taberna, não só para enxugar a roupa co-
 mo para fazer o relatório, acompanhado de
 qualquer comensal da paloa para compensar
 a tremenda estôpada que apañáramos. Os
 meus companheiros, apesar de eu não ser
 o mais audaz, confiáram-me a elabora-
 ção do relatório que fizei enquanto tinha a
 memória fresca dos parmenares; eles, bas-
 tante alheios ao assunto, iam comendo e be-
 bendo; e depois, no dia seguinte, passado di-
 do a tempo com a minha letra (tive esse
 cuidado) assináram meu reflexões.

Não fiz isso, por velhacaria, confesso,
 mas o deixar a m.^a letra que se conhecia á
 letra para comprovar melhor se foi o au-
 tor, foi simplesmente para dar o seu a seu
 dono.

Este relatório, como os outros que fiz du-
 rante o curso ficaram copiados no meu volu-
 me relativo ás andanças officiais da minha vi-
 da militar

Não fiquei com o plano do curso se o dis-
 tribuíram aos instruetores; mas fiquei com
 notas dos exercicios e missões que tivemos no

~~.....~~
~~.....~~ campo; e por ele verifique que hou-
 ve um reconhecimento á povoação da Mur-
 geira em que eu, como comandante^{1.º} das sec-
 ções de quartéis fiz o trabalho da divisão do
 povoado para a autonomia de um batalhão
 e mais duas companhias de um outro. O
 tudo foi feito sobre uma planta sumária le-
 vantada na ocasião; e fi-lo sob minha res-
 ponsabilidade como comandante das secções. (1)

Recordo-me de que, no final, o mostrei
 a um grupo de companheiros e que estendi a
 planta do local sobre um muro; e de que nes-
 se grupo estava o tenente Julio Pereira Laurean-
 ço, de Artellaria, e futuro oficial do Estado.
 maior, que se não intrometeu no meu per-
 rigo, se limitou a olhar soberanamente pelo mo-
 do que usava o que eu ia expondo e no fi-
 nal, sem observações de qualquer espécie, fez
 um gesto de aprovação...

era o nihil obstat da autoridade supe-
 rior... (2)

(1) Ficou copiado no cit.º volume da me.ª vi-
 da militar.

(2) Este ten.º morreu recentemente general. Não
 era má pessoa mas em novo lindeza exage-

Eu não conto isto por vanplaria, mas para, como acima disse, dar o seu a seu dono. Nunca me impartei de trabalhar, e nunca mequei aos outros os meus conhecimentos (que aliás não eram muitos) e também nunca recusei as facilidades que tinha para o desenho topografico áquelles a quem fallava essa aptidão que, em muitos destes casos era de importancia.

Dizei até que gostava de fazer esses trabalhos e em regra não me saiam mal.

Também tive quaesquer exercicio de biva que de campañhia a S.O. do Lugar de Martellas, proximo e a Leste de Pero Pinheiro. Depois do trabalho eu e os meus campañheiros que tinhamos idêntica missão, abancámos em uma hospedaria que havia neste ultimo lugar, hoje populoso centro de grande industria de marmares.

Fiz-me o relatório e confortámos o estomago e recordo-me muito bem de que notei nas paredes da casa de mesa que era no 1.º andar e tinha aspecto de arruajo e limpeza, um

nada para os seus reducidos meritos. Com a idade perdeu essa vaidade e era poeial.

quadros com litografias coloridas, de desenho meus irmão, que representavam o drama de Inês de Castro. Ficaram-me os olhos nas litografias, em que as figuras trajavam exoticamente ricos vestuários da segunda metade do século XVI; e tentei com certo cuidado uma compra — mas a recusa foi formal.

Ha poucos meses, no consultorio do Dr. Vasco de Sousa Chicharro, em Lisboa, vi quatro litografias iguais que me evocaram os tempos a que me refiro; disse o medico que as comprára mesma loja na rua de S. Bento e as mandára encaixilhar a um especialista de tratamento de gravuras. Serão as mesmas de Pero Dinheiro?

Quando passo neste lugar, ao ver o prédio que ainda tem o mesmo aspecto e creio que ainda é hospedaria, lembro-me sempre das litografias e com a maior pena de as não ter adquirido — pois nunca mais vi iguais por muitas voltas que tenha dado nas varias andanças da vida. As litografias, como os livros, também habent sua fata... Como os livros e como tudo que anda por este mundo desgraçado.

Tive também um reconhecimento a pro-
 moção do Gradil para o acantonamento de
 tropas e defesa do sector leste do lugar — tra-
 balho feito de colaboração com os dois compa-
 nheiros do reconhecimento do caminho da
 Igreja-Nova a Chelheiros; o relatório que é re-
 lativamente curto foi feito por mim e assinado
 pelos três. ⁽¹⁾

Plasme o estudo de uma marcha dum lo-
 cal de concentração a Leste da Caneira Velha,
 freguesia da Azueira, na parte N. do Concelho de
 Mafra, para o lugar das Antas, na mesma fre-
 guesia, que deveria ser reconhecido e ocupado
 devidamente. Este, foi trabalho individual co-
 mo command.^{te} de companhia — assim como o
 trabalho de ocupação do sector N. do lugar do
 Municipal, também como commandante de com-
 panhia. ⁽²⁾

Todos estes exercícios tiveram como um ob-
 jeto de combatê, a S. de Chelheiros em que, como
 reserva do batalhão o meu papel foi de estudar
 o caminho que teria de seguir para reforçar a
 frente da linha de defesa e a posição que iria

(1) Copiado no cit.^o vol.^o relativo a vida militar.

(2) Idem, idem.

ocupar à direita da 6.^a campanha, ⁽¹⁾ todos esses exercícios, dizis, obedeciam a um plano geral de conjunto que deveria terminar pelo exercício de quadros nas Linhas de Torres em 9. e eu comandaria uma 7.^a Camp. do 2.^o Batalhão do 1.^o Regimento de Partido Vermelho.

Nesse tempo ainda a cãr vermelha não assustava os governantes nem os graduados do exercito...

E assim o tempo correu, com certa variedade de serviços & exteriorez para compensar o monotono das técnicas que nem sempre os instrutores, conseguiram tornar agradáveis.

Para final de instrução, como disse, houve exercício de quadros nas Linhas de Torres. Para lá fomos a 24 de Maio, de manhã, a cavalo e cada instrutor com suas ordens de calcular.

Ao passar no Gradil a chuva começou a cair embora mansa; descaucou-se no Turci, fal, aldeia yitaresca que contrasta com a agressividade daquelles montes sem belesas; depois sempre debaixo de chuva e com o cavalo a

⁽¹⁾ No vol. A minha vida militar.

coaxar de uma ferradura, chegámos á vila histórica onde nos alojaram no hotel, ao tempo, o melhor da terra.

O exercício de quadros correu marcialmente e, verdade seja, sem grande interesse. Não me recordo que problema nos quizeram, certamente seria de defesa; mas lembro-me de que o meu papel foi estabelecer uma companhia de Infant. na lomba de uma das elevações a sul de Torres com a esquerda sobre o desfiladeiro de Buena e a direita para Leste do morinho da Carrasqueira, no grande dorso do Barricudo, salvo erro.

Neste trabalho tive por companheiros o condiscipulo João M.^o Duarte Benefeito que alegrou a missão com o seu constante bom humor e a sua mais do que comprovada ignorancia. Entreguei a resolução, e' claro, assinada pelos dois, mas a copia que guardei ficou incompleta como a 8.^a Sinfonia de Schubert e a memoria já me não dá para mais pormenores. ⁽¹⁾

Do que couseiro lembrança e' do desflo-
rauel episodio do meu condiscipulo Julio

⁽¹⁾ Idem idem.

Carrão de Oliveira que meiu ter comigo afli-
to porque lhe parecia que no tema havia er-
ro grave.

Com efeito, lendo o tema, que lhe deuam
idebicos ao meu, houve expanso e os pontos
indicados para após da campanha que ele
comandava estavam trocados de modo que,
se obedecesse ao que estava escrito teria de
dispar a sua gente com as costas para o in-
imigo e organizar a defesa contra as nossas
reservas.

O Carrão de Oliv. era desembarrado
e nada péco; mas era pouco inteligente
e na ocasião fez-se colegial surasado ...
Tentei mostrar-lhe o erro, devido a qual-
quer gralha da máquina de escrever; não
houve maneira de o convencer e de o
dissuadir de considerar o erro como er-
ro. Lembrei-lhe que procurasse o instrutor
e lhe expozesse a dívida; não concordou
com receio de que «eles não gostassem...»

E assim, como verdadeiro menino de
escola, teimou em dispar a campanha de
costas para o inimigo — o que lhe ia valendo
uma reprovação se não fosse o propósito
do grupo docente da Escola não reprovou

ninguém atendendo a que era o primeiro ano, etc.

O caso, porém, foi tão exótico que na sessão final, em 27, na presença do ministro Pereira de Eça, o con.^{te} Garcia Rosado ao fazer o resumo dos trabalhos, referiu-se a essa prova de falta de decisão e de iniciativa, bastante grave em quem tem de assumir responsabilidades.

Nesse dia, depois do exercício, retirámo-nos para o Turcifal onde se alojou, e depois de uma ligeira troca de impressões com o director Garcia Rosado regressámos a Lisboa para no dia 26 fazermos a última prova, que foi escrita.

Numas salas, duas, salvo erro, no 3.^o pavimento, lado sul, e em mesas ovais, dêram-nos mesas para respondermos a vontade durante não sei já quantas horas. Os instrutores não ficaram a ripiar, só de vez em quando apareciam a perguntar se havia alguma dúvida.

Conversava-se, fumava-se, chalaceava-se a todo o momento.

Lembro-me de que ao pé de mim se sentou o António Pires Pereira J.^o, inteligente

té, bastante lido, com quem trocava uma
 vez por outra qualquer taracha, sem deixar,
 e' claro, de escrever. Sei que procurei dar
 forma literaria á prova pois que profundi-
 dade no assunto não poderia mostrar.

O tema dado prestava-se bem a largar
 as redes á imaginação: Combate ofensivo.
Como actuam e mutuamente se opoem as
armas no periodo de preparação.

Comecei por fazer rascunho que cunhei
 no aiuda¹⁾; mas a certa altura vi que o tem-
 po não era muito e deixei o rascunho e con-
 tinuei a escrever no papel carimbado que
 os instrutores me deram. Lembro que não
 iria mal e me recordo dizeram-me depois
 que a m.^a classificação final foi uma das
 poucas classificações melhores.

No dia 27 recebemos guia de regresso de-
 pois da sessão com o ministro; e em 29 fiz
 a minha apresentação em Coimbra, no Re-
 gimento de Inf.^o de Reserva 23 onde daí a
 dias cheguei, em confidencial (!) a minha
 informação do curso que me dava como apro-
 vado com um «Muito Bom.»

¹⁾ No 2.^o vol.^o da Vida Militar.

Estava, pois, apto para ser promovido a capitão como me adverti. fei lá a uns quatro meses e dias.

Mas antes de continuar, quero contar como tracei amigáveis relações com o major de Cavalaria Antônio Oscar Bragosa Carrmona que me tornou á conta do meu erudito em Guerra Peninsular e mais outras campanhas.

No primeiro dia em que ele deu instrução de Tactica, apresentou-se com a distinção que lhe era propria e depois de um cumprimento geral pegou numa folha de papel e disse que ia fazer a chamada dos individuos, não para notat faltas mas simplesmente para ficar conhecendo os tenentes q. ainda não conhecia.

Ao passar pelo meu nome e depois de um « presente ! » com que eu amavelmente respondi, disse-me que me não afastasse, no final da instrução, porque me desejava falar.

Isto causou certa curiosid. na turma de meninos de escola pois, como acima disse, os tenentes estavam mais ou menos traçados em collegiais invejosos.

O que seria?... O que não seria?...
pensavam todos.

No final fui ter com o homem. Atenciosamente, disse-me que tinha m.^{to} gosto em me conhecer pessoalmente e que ainda me a ter, m.^{to} interessado, o meu trabalho sobre a acção da Cruz dos Marechcos ao seu jo em publicação recente na Revista Militar e queria discutir comigo certos pontos que notara durante a leitura.

É claro que respondi que estava as suas ordens; e ficou combinado que no dia seguinte iríamos à biblioteca da Escola Prática pedir os números da Revista e falaríamos então.

Com efeito, no dia imediato, lá fomos. Já não sei que devida o homem teve mas a conversa foi longa e não deixou de me ser agradável. Ele era causa agradável e interessante-se pela história militar; de modo que ficámos pois na casuarieira quando nos encontrávamos nos intervalos das instruções — o que causava alguns expulhos a certos tenentes que, ao verem a afabilidade com que conversávamos, suspiravam, de mi- nha parte intenções propiciatórias para conseguir boas classificações.

Tudo é possível neste mundo de misérias...

Duma vez, perguntou-me ele se eu conhecia Chaves e se me lembrára de estudar a retirada de Bault em 1809. Como antigo oficial de Cavalaria do regimento flaviense, percorrêra a região e falou-me com entusiasmo das dificuldades que o marechal francês teve encontrado na marcha de retirada, nas agueras do caminho, no belere do passo de Salamonde.

Eu respondi que, de facto, nunca me lembrára de estudar esse episódio mas agora, com a descrição que ele fizera, me abriu o apetite; porém, para realizar esse trabalho, eram necessárias deslocações e despesas que só por mim não era fácil fazer. Contudo, poderia ser que um dia tentasse.

O major, então, perante as minhas objecções teve esta saída que me ficou bem na memória:

— País é assim, meu tenente: neste desgraçado País ninguém está no seu lugar...

Nas vésperas do exercício de quadros em Torres, disse-me:

— Olhe que eu lá o procurarei para me dar explicações acerca das Linhas...

De facto, quando fazia o meu trabalho na posição que me foi dada nas alturas do Barrigudo, o Caremona appareceu, a favel, apesou-se e quiz saber qual era o pecto em que estavamos e a importancia que teve no grande plano defensivo. Lá me disse o que sabia, fumámos fraternalmente um cigarro, e ele concluiu, perra fôra, e sua expressão — se era inspecção o que ainda a fazer.

Assim se formaram as boas relações entre mim e ele, relações que se mantiveram sempre e ás quaes, no meu Diario de me haer referencias varias. E devo confessar que ainda tive a velocidade de esperar, quando ele foi ministro, primeiro com o Cunha Leal e depois com o movimento de 28 de Maio, que ele se lembrasse de que «mes-
te desgraçado País ninguém está no seu lu-
gar» e me mandasse oficialmente estudar a revirada de Sault em 1807 pelas agueras de Salamonde... Mas não mandou.

Foi velocidade minha o repôr que um ho-
mem elevado a tal altura se lembrasse dos

que andam cá por baixo — verdade, aliás, que não me fica mal...

Eu também, malta a verdade, nunca o procurei e nunca fiz valer a lembrança das nossas boas relações.

Regressado a Coimbra, voltei ao serviço do Regim.^{to} de Inf.^{ta} de Reserva n.º 23 com o bom Ten.^{te}-cor.^{el} Francisco Gomes que, por motivo de promoção a coronel em Setembro, deixou com estas minhas, o cargo de comandante.

Ora durante o verão que passei em Coimbra, surgiu a guerra entre a Alemanha e a França que deu muitas e justificadas preocupações.

Estabeleceram-se logo duas correntes como é próprio do nosso temperamento; a da intervenção e a da não intervenção.

Slava muitos germanófilos, os reacccionários, que viam no vitória da Alemanha a queda da República e perante a possibilidade da nossa intervenção armada, houve, em grande parte do exercito, movimento claro de reprobção, não tanto talvez por medo de ir para a guerra mas porque se previa que essa intervenção causaria os

como até certo ponto consolidou, as novas instituições.

Foi uma quadra calamitosa a que adequadamente deverei fazer referências.

Lembro-me bem de que numa tarde de Agosto, vindo eu á Baixa, em Coimbra, encontrei o tenente de engenheiro José Marques Pereira Barata, estudante laureado na Universidade e que (dizia-me) não entrou para a Faculdade de Filosofia por ser muito novo.

Conversámos, é claro, acerca da guerra então no período da marcha quase fulminante dos Alemães em França, depois da invasão da Bélgica; e vimos pela Avenida da Bandeira, exactamente, depois pelas ruas Oliv.º Matos e Castro Matoso e durante este percurso o Barata expunha com entusiasmo a marcha vitoriosa e o possível esmagamento do exercito francês por uma manobra envolvente, exposição feita com inteligência e pareceres e, diria, com convicção do reaccionario que ele era em alto grau.

O Barata era natural de Alcaeus e foi discípulo dilecto do Collegio de S. Tiago.

Do despedirmos-nos, aos Arcos do Jardim, eu ia incomodado. O Barata sentia

dar á exposiçáo tanta verosimilhança e tanta clareza inteligente, que eu regressei a casa acalorunhado e muito convencido da derrota da França. Nessa noite mal dormi.

Lembro-me disto como se fosse coisa recente e não esqueci a impressão funda que a conversação me deixou.

Felizmente, a mediação do José Marques Barata fez-se.

Voltando ao Regim.^{to} de Inf.^{to} de Reserva 23.

Depois da promoção a coronel do Com. Francisco Gomes (que foi substituído por Viriato Ribeiro de Lemos, muito official do exercito e muito filosofo), pouco tempo lá fiz serviço; requeri licença disciplinar porque a minha promoção estava proxima e eu queria não ser prejudicado por elle.

O ajudante do ministro Pereira de Lima era o Henrique de Carvalho Dias, tenente de artilharia e primo prox.^o por afinidade, de minha Mutter; avisou-me de que eu iria para Castello Branco e entrei de licença em meados de Outubro á espera do que desse e viesse — resolvido a não forçar os acontecimentos ou, se quizerem, o destino.

Por decreto de 10 deste mês de Outubro, fui promovido a capitão para a 6.^a Comp.^a do Regim.^{to} de Infantaria n.^o 21, do 2.^o Batalhão aquartelado em Castelo-Branco⁽¹⁾; em 18, na ordem regimental fui abatido ao efectivo do Regim.^{to} de Inf.^a de Reserva e no dia 1.^o de Novembro vim para Lisboa com a família pacatamente, à expens do dia de marcha para Castelo-Branco.

O jornal A Luta não quiz deixar de mencionar uma visita q.^e fiz á péde, no palacio do Cathariz; e em correspondencia de Coimbra veio tambem a noticia da me.^a retirada para Castelo-Branco com palavras mais do que ~~suaveis~~ amáveis ao mesmo tempo q.^e pesadas.⁽²⁾

E assim se faz a historia...

Des durante os quinze dias em que andei por Lisboa (de 1 a 15 de Novembro) deu-se um episodio curioso que, para me.^a gente a quem o contei, parecia mentira.

Meu cunhado Costa Ferreira deu-me o vol.^o XXI do Dicionario Bibliografico de Trovador

(1) Na Ord. do Exército, n.^o 25, 2.^a serie de 15.

(2) As 2 noticias ficaram na collecção de recortes.

cio, dedicado ao centenário do Alexandre Herculano e organizado por José Joaquim Gomes de Brito, conhecido investigador, bibliófilo, arqueólogo, etc ⁽¹⁾ ao tempo director do Arquivo da Câmara Municipal de Lisboa.

Folheando o volume, dei por falta, na relação das publicações alusivas ao centenário, do numero das Folhas Novas ⁽²⁾ dedicado ao Herculano e escrito por mim, em Abril de 1910, em estilo facetó, a pedido do Tomás de Figueira e do Floro Henriques que dirigiam a publicação — que muita gente considerava, não sei porque, anarquista.

Resolvi, por isso, procurar o Gomes de Brito, infereua-lo da omissão e oferecer-lhe um exemplar das Folhas sem lhe dizer, é claro, quem era o autor.

Um dia fui á Câmara Municipal de Lisboa e entrando na grande sala do Arquivo, deparei com um velho, de barba branca, barrete de pêdo na cabeça, sentado em cadeira de braços a uma secretária cheia de papelada.

⁽¹⁾ Morreu a 16 de Abril de 1923, com oitenta e seis annos.

⁽²⁾ Folhas Novas. Factos e Passões, de Coimbra, n.º 5 de Abril de 1910, 4 paginas.

Disse - the quem era e as razões que lá me le-
vavam; e fiquei um tanto ou quanto em-
baticado por não ver no homem qualquer
sinal de atenções ao assunto e até de delicade-
za — pois deixou-me sempre, enquanto fo-
lei, em pé, ao lado da mesa, sem mostrar
mele qualquer gesto de rudimentar cortezia.

Quando the ia a entregar um simples
apontamento bibliografico das Folhas e em
especial do numero comemorativo, falou
então um pouco brevemente dizendo - me
que nada tinha com o caso e isto com gesto
de quem me despedia.

Peguei no chapéu e também um pouco
asperamente, observei - the que o nome dele
figurava na capa do volume e perante toda
a gente era ele o unico responsavel pela omis-
são. E com «para muito teu...», voltei
costas.

Como compreender uma coisa destas?
Estava ele real disposto? O certo é que ao
sair a porta teve vontade de the acenar com
certo gesto obscuro... Mas não.

Sai do edificio municipal, desci pela ar-
cade occidental do Terreiro do Paço e fui ver
o esvoaçar das gaiotas no Tejo, espectaculo

superior e mais edificante que o que me deu um velho intratável convencido de que era olimpico.

Neste mês de Novembro fui encontrar meu tio José Augusto Pimenta instalado em uma casa do Dafundo, sobranceira ao rio. Deixara a rua de Antero do Soutal recessos de revoluções, segundo dizia; ali sempre estava mais protegido e não tão a vista como antigo monarquico...

Era o que ele dizia mas nunca presenciara as razões da deslocação.

Deu-se o caso que fiquei vizinho do Alfredo Pimenta, nessa altura já monarquico categorizado e lisoiçado. Meu tio conhecia o não sei de onde e o certo é que entraram em boas relações de vizinhança e, dentro em pouco, o Alfredo Pimenta passou a fazer a corte ao coronel legionario que (apesar de se considerar financieiro) se sentiu um pouco lisoiçado e enuaidecido.

Meu tio era inteligente e experiente; seu davis era vulneravel á Lisoiça e o Pimenta, percebendo isso, quase o conquistou com boas artes. A certa altura pediu-lhe Dinheiro, de

princípio pouco, mas com o tempo e a confiança, as quantias foram aumentando — com o que meu tio começou a dar o cavaco. Seguro, como era, em matéria financeira e vendo que o Pimentá não dava sinais de restituição, decidi negar-lhe sucessivamente mais empréstimos.

Aconteceu, porém, que ~~em~~ em certa noite de inverno, o Pimentá foi lá a casa conversar; á despedida notaram que havia febre e o visitante não levava agasalho. Meus tios, cuidadosos, não o deixaram sair sem a protecção dum sobretudo; e como se tratasse de um homem notavel nas letras, no jornalismo e na Causa Monarquica, parecer-lhes mal empréstas qualquer alato mais usado e foram buscar um rico sobretudo com gola de peles, o melhor que lá em casa havia.

O Pimentá agasalhou-se, sentiu-se bem e foi-se embora. E o rico casaco, quase novo, não voltou bem como o illustre jolemista que não se sentiu com coragem de entrar na casa hospitaleira sem restituir o vestuário empréstado com tão boa fé.

O dinheiro e o alato desapareceram; e era curioso então ouvir meu tio sem querer

dizer muito mal, desculpar novamente o
 laço com argumentos infantis; não que-
 ria confessar que fôra enganado e não que-
 ria também que o julgassem capaz de não
 perceber que iria ser enganado. Traqueças
 que todos nós temos...

O certo é que as relações acabaram e creio
 que as quantias emprestadas ainda subi-
 ram a certo valor. E meu tio, para con-
 cluir, teve que mandar fazer novo casaco de
 abafado porque os que lá tinha não estavam em
 estado de os usar.

Lista:

3-18 de Junho de
 1962.

V

« É conveniente conhecer estas bagatelas... »

Lessing: Cartas sobre a Literatura Moderna, carta XVIII

Antes de partir para novos destinos, sempre quero deixar aqui contado certo episódio que me fez abandonar, de vez, a Maçonaria.

Acerca da minha acção na Maçonaria pensei em fazer volume especial em que contasse o que se passou em Coimbra desde que (como referi no 4.º volume destas memórias) eu entrei para essa instituição oficialmente secreta mas que afinal não era. E para isso tenho grande documentação na maior parte copiada luxuosamente em dois volumes de papel de linho tapado.

Por essa documentação e puxando, aos poucos, pela memória, poderia reconstituir

na generalidade e tanto quanto possível os meus trabalhos que, francamente, não sei se valeram alguma coisa.

Pertenci a varias Lojas, causando as questões e questionculas levantadas; por fim filiei-me na Partidial que era loja séria que ridida pelo Dr. Franc.º José Fernandes Costa que um dia me chamou ao escritório do advogado e me disse que gostava de me passar o mathe; queria descaucar desses trabalhos e reservar o tempo para outros não só proffissionais como tambem de propaganda politica entao em certo incremento.

Realmente fui eleito, um dia, se me não expaço de 1908, e lá fui dirigido conforme podia a bancaça mais ou menos a meu contento e segundo me parecia a contento de todos os olheiros.

Pelos volumes referidos poderá recaupar se alguma coisa da me.º vida meaconica; mas francamente, volume especial... para quê?

Até a proclamação da Republica, o trabalho era surdo mas a sério e por vezes com alguma efficacia; todavia não seria já capaz de o recuestituir com firmenares. Pareu, depois de Outubro de 1910... materia a pena

deseurolar um pauserama pouco edificante desde que todo o ticho-careta entrou de soldão para compartilhar dos « sagrados mistérios » e tratar de se governar ?

Durante os ultimos anos da Monarquia ainda era tomada a sério a instituição maçónica e nela se fez a grande parte o ambiente que veio a facilitar a revolução de 1910.

Nas Lojas em Coimbra, principalmente na Perseverança ainda pontificava o velho Manuel António da Costa, ainda havia velhos maçons que cheiravam repaamente ao tempo da Maria da Fonte, honrados respeitáveis, avidos sempre com acastamento. Ainda me lembro, quando era garoto, de ver a porta do estabelecim.^{to} de Manuel Ant.^o da Costa o velho Alípio Roque de Sá Barreto, de Candeixa, liberal de quatro costados, combatente da Patuleia; e tambem, se não estou em erro, o Com. Guilherme Teles de Menezes, da Quinta da Machada, tambem pertencente, se me não enganar, á mesma Loja; e outros.

Pode dizer-se que os republicanos historicos estavam todos na Lojas de Coimbra.

Porem, depois de 5 de Outubro, uma alluvia de adesivos caiu-nos em cima e nos

maior parte dos chamados democraticos. Entre estes, o meu co-discipulo Luis José da Mota que entrou por influencia benevolta do Julio da Fonseca (seu irmão e bom amigo) de tal sorte captou as boas graças na Loja Redenção em que foi filiado, que neste anno de 1914 já estava seu nome e seu grande predomínio entre os membros de fresca data e entre alguns dos antigos.

Agora aconteceu que o Conselho da Ordem resolveu que em Coimbra houvesse um seu representante q. feitos de certas determinações que seriam desnecessarias ir ás estações superiores, com vantage de brevidade de consultas, etc. nos termos do art.º 374 do Regulamento Geral.

Pois com motivos que em parte desconhecia e também por manipulações de um dos irmãos da m.ª Loja e seu secretario, Gil Pereira Gonçalves, um dos tais a que acima chamei adesivo, foi o Luis Mota nomeado por gracucha de 24 de Setembro, membro honorario do Conselho da Ordem e por consequencia seu representante no real de Coimbra — funções q. dava certa jurisdicção sobre todas as Lojas do mesmo real.

Eu, ao saber do facto, não gostei. Nunca tive nada de desagradavel com o Motá, dei-me sempre bem com ele e no Diario tenho varias e justas referencias a sua pessoa e ás boas relações que sempre tivemos. Mas não gostei por uma questão de principios: eutão dava-se esse cargo, de tanta responsabilidade e representação a um recém-chegado que não era republicano historico e veneravel da mais moderna das Lojas, preferindo umas dezenas de velhos maçons e as Lojas antigas como, principalmente a Perseverança?

Disse sempre e fiz certa deliberação para que as honras de representante do Conselho fosse para esta ultima officina onde era veneravel o velho e respeitavel Manuel Antão da Costa embora este jela sua idade não accitasse e escolhesse entre os seus quem devesse ser nomeado.

Mas não: a politica dos democraticos impunha-se com certa força e o Luis Motá, elevado quase a pessoa insubstituivel, foi o nomeado por franchia de 24 de Setembro sem qualquer consulta previa como seria natural e de méria cortesia para com as Lojas co-

nimbriceusas — e isto na hipótese de essa
causulta não ser regulamentar.

Resolvi reunir o Capitulo da officina q.
foi convocado para 22 de Outubro, ao qual
compareceram quase todos os capitulares;
expus as razões da convocação, procurei
fazer ver a injustiça do procedimento do
Conselho da Ordem e, até certo ponto, referi-
ra aos velhos maçons de Coimbra, etc. Con-
puzi a intervenção do irmão secretario
Gil Pereira Gonçalves que reputei de certa
gravidade e esperei a opinião dos presentes
que, na maioria, foram de parecer que se
acatasse a ordem superior.

Essa maioria era constituída por filia-
dos no Partido Democratico eude o Mota, ha
algum tempo, já era pessoa graduada.

Quanto ao rectorismo politico...

E' claro que me calei, encerrei a pessoa
e resolvi não acatar a determinação do Con-
selho da Ordem e abandonar a Loja e por
consequencia a Maçonaria. Ha certo tempo
que andava aborrecido com o caminho dos
trabalhos eude a politica democratica do-
minante e eude transparencia a ausencia dos
adesivos em solicitar favores e beneficios.

Aproveitando a m.^a proxima saída de Coimbra, para dar certã conformidade ao actõ, resolvi pedir o meu atestado de quintê — o que fiz de Castelo-Branco em 8 de Setembro em gracchia official.

Antes desta resolução fiz algumas impressões com alguns dos Irmãos categorizados como o António de Oliveira Marques que era t.^o Vigilante e melho e serio republicano e o bom e seguro amigo José Colaço Alves Soleral.

Ambos, na verd.^e, não concordavam com a nomeação do Mota mas, mais calmos tal vez do que eu, eram de opinião de que se accõlhasse a gracchia de 24 de Setembro e se esperasse pelos resultados.

Não me confiei e o meu requerimento surgiu como uma bomba. Nunca o esperava, julgava-se que a minha opposição seria simples caterrice de momento.

O José Soleral, o Gaspar dos Santos, o Oliveira Marques, o Mendes Alcantara escreveram-me; e o proprio guarda-externo, o bom Antonio Borges de Melo me mandou cartinha amavel.⁽¹⁾ Todos lastimavam o meu ju-

(1) No 2.^o vol.^o da documentação maçónica,

positivo e pediau para reconsiderar — até
que, vendo que me mandinha nele, a Loja
Parbival concedeu-me a 25 de Fevereiro de
1915, o desejado atestado de quite nos termos
normais.

De então para cá não mais me preo-
cupeei com a Maçonaria, convencido de q.
se tornou uma agremiação inútil e no sen-
tido para alcaudonar certos casos heiros an-
tarcijista.

E saúdo adeante.

Coimbra

27/29 de julho de 1962.

ficaram arquivados e copiados todas estas car-
tas que dão luz a ideias do oriente.

VI

« Vou-me entretendo também a escrever [...] alguns casos da minha vida... »

Teix.º Gomes: Miscelâneas, vol. I, pag. 206 de 2.ª ed.ª

Ayresensei - me no 2.º Batalhão do Regimento de Inf. n.º 21 no dia 18 de Novembro de 1914. Chepára na vespera, pela tarde.

Já conhecia Castelo Branco deus dias de Setembro de 1913 por occasião de uma Escola de Repetição que percorreu quase o distrito como atroz deixei dito. " Não fiquei, nessa altura, com grande impressão da cidade; e lembro-me de que, desta vez, á chegada em tarde nevosa e fria de Novembro, a impressão desagradavel que meantina aumentou bastante.

(1) No cap. III, pag. 92 e seq.ª

Mas enfim, lá fui para a hospedaria que dava pelo nome de Hotel Central onde estive da outra vez e lá me alojei num quarto do 1.º andar com a reduzida bagagem que levava.

IV

Assumi o comando da 6.ª Companhia; o quartel era o do regimento de Cavalaria em tempos ali de guarnição; amplo, largos corredores, escadarias com ar poleve, o corpo de comando com boas salas onde também se instalara um Grupo de Metrôadoras que mantinha correcta vizinhança.

Mas em tudo havia um ar frio, desconfortável; além a grande altura arrefriavam e como naqueles primeiros dias houve bastante humidade, a impressão que colhi não foi das mais cativantes. Mas tive de me conformar.

O comandante do Batalhão, o major António Joaquim Gonçalves era boa pessoa, atencioso, em tudo modo « não te rates », mas sempre correcto e, pode dizer-se, simpático. Estava integrado no Partido Democrático mas sei se sinceramente; mas o bastante para me tratar com toda a urbanidade.

Tive a sorte de lá encontrar o meu con-
discipulo João José de Santana Baraazol que
passou quase o tempo de subalterno na Guar-
da Municipal e depois na G. Republicana e
foi um excelente companheiro não só no per-
rício como fora dele - porque se hospedou no
mesmo hotel e comíamos á mesma mesa.

A officialidade era o mais casual possi-
vel; se bem que tenente, metade era cons-
tituída por officiaes praticos que, deve dizer-se,
não eram dos piores. Os da Escola do Exer-
cito formavam um conjunto amargo: tenen-
te-me do tenente Virgilio de Menezes Fou-
tes, bem educado e frivolo; do alferes Agos-
tinho do Nascimento Crisostomo, discipulo
dos jesuitas, melhao, bisbilhotador, insi-
gnificante, muito teatro. Este ultimo, fo-
ra gloria do exercito, e' hoje tripadeiro cer-
tamente já reformado.

Tambem lá estava um tenente Ferraz de
Carvalho que depois fez o curso abreviado
do Estado-maior e me pareceu de caracter
bastante inferior como ~~se~~ se provou com
o tempo.

Dos praticos lembro-me bem do tenen-
te Antonio Dias Bargaõ que no Batalhão ti-

meu a seu cargo as funções de oficial da Administração Militar; homem sério, cuidadoso, republicano e que, como contarei, ia sofrendo por minha causa.

Nas Metralhadoras cujo comando^{te}, seu ten.^{te}-coronel (já me não recordo quem era) havia, como figura principal, o capitão ~~para~~ José Martins Carneira, oficial com qualidades, desembaraçado, estudioso e especializado em metralhadoras; era do curso anterior ao meu e encontramos-nos muitas vezes em conversas no quartel.

Assim, passados os primeiros dias de adaptação quer á terra quer ao serviço, a vida seguiu normalmente; logo no dia 19, o imediato á m.^a apresentação, fui nomeado secretário do Conselho Executivo do Batalhão onde trabalhei, de muito boa harmonia com o Dias Barpão; não era serviço do meu agrado, mas á falta de outra distração, lá fui cumprindo o meu dever^{te} possível o novo cargo.

Até ao fim do ano a vida correu com a vulgar monotonia; veio o inverno, as noites passavam-se, em geral, na sala de leitura do hotel, depois do jantar, em con-

versa (eu e o Bauazol) com o dr. Juiz Lucas Emilio Monteiro Leitão e com o delegado, o meu patricio Beulô Pereira de Carvalho, ambos lá hospedados; e ás vezes um engenheiro agronomo Taloni, Lisboa. Lá sempre tem disposto, com armazem de vedotas nem sempre limpas.

Quando o tempo deixava eu e o Bauazol, depois do jantar, tem agarrados, saia nos dar uma volta, vagarosamente, pelas ruas quase desertas. O meu companheiro, como foi da Guarda Municipal, dizia-me:

— Vamos fazer a ronda...

E lá iam, ruas fora, a passo de patinha, conversando, comentando os acontecimentos quer os do País quer os do quartel, realdizendo a parte que nos levou a Barcelo Branco, etc.

Estava em Cast.º Branco professor de desenho na Escola Industrial, um rapaz de Coimbra, Theodorico Sales Vianna, antigo e bom discipulo de Antonio Augusto Gonçalves; concorrera á vaga e por interferencia do velho Mestre lá foi colocado. Era um rapaz vivo, um tanto ou quanto estavado mas com razoavel cultura artistica.

Ele procurou-me logo que cheguei e foi com compaunh. durante a m.ª jornada-meia na terra. Por seu intermedio tracei conhecimento com um farmaceutico Joao Maurato Graue em cuja farmacia se reunia um grupo de republicanos democraticos.

Este Maurato Graue era pessoa interessante, dado com sinceridade ás Letras, poeta e um pouco de humor que recatadamente; e apesar de temperamento um pouco reservado era excelente e correcto conversador.

Frequentei a farmacia, á tarde, quando tinha occasião e me achava bem disposto para isso; lá encontrei o Prof.º primario Antonio Moreira de Sousa, chefe dum grupo republicano e aferrado democratico; o então administrador do conc.º Manuel Lopes Gouveas e outros cujos nomes me esquecerei.

Era um centro republicano, um pouco intrazigente em politica, onde ás vezes aparecia o professor e reitor do Liceu, o dr. Barros Nobre, homem de fina inteligencia, muito sereno, sincero amigo de Brito Barnacho e que, nas palestras politicas, dava sempre a nota calva da Tolerancia e do Bom-senso.

Estas conversas na farmacia torná-
 vaem-me suspeito no Batalhão onde ^{a)}maioria
 dos officiaes (assim como nas Metralha-
 doras) era reaccionaria; os gregos republi-
 canos que por lá havia eram cautelosos nas
 suas manifestações de opiniaes.

Mas, sem grandes polavancos, fazendo os
 dias á unidade com pequenos intervalos, diri-
 gindo o Curso. Especial de boa harmonia
 com o Bargaõ, que conhecia bem o assunto,
 os dias lá iam passando melhor o piar até
 que chegan em 24 de Dezembro com o Ordeem
 do Ex.^{to} com a constituição da Divisão Aux-
iliar Parbucuesa que deveria ir até França
 integrar-se no exercito inglés.

Nesta Ordeem vinha o modo de nomear
 os officiaes, sargentos e soldados, qualidade e
 fardas de fardamento, numero de carros,
 cavalos, etc. Fiquei então paleando que o Re-
 gimento de Inf.^{te} n.^o 21 constituiria o 1.^o Ba-
 talhão do 3.^o Regimento de Divisão Auxiliar;
 depois de organizado o Batalhão seguiria
 para Leiria onde o Regim.^{to} de Inf.^{te} n.^o 7 for-
 maria o 2.^o e 3.^o Batalhões do referido 3.^o Re-
 gimento expedicionario. Estas determina-
 ções já se realisam desde 14 por confiden-

ciais chegadas á secretaria; a Ordem, porém, foi mais completa e deu espaço a conversas, comentários e romances...

abfirmava-se a crise...

E neste dia 24, vespera do Natal, o termómetro do Observatório do Liceu marcou 5 graus abaixo de zero.

E disse ainda que conheci neste período o Teófilo Duarte, Tenente de Cavalaria se me não enganar; ia algumas vezes ao Conselho seu receber o soldo ou tratar de qualquer assunto. Era sujeito curioso, tipo de desembaraçado que costumava entrar pela janela, dum salto, para o Conselho que era no rez-do-chão do quartel; conversava á vontade, alegremente, e despedia-se para voltar á sua aldeia de Olêdo (ao norte da cid.) sua terra natal e onde estava se me não enganar, com residência fixada.

E assim acabou o mês de dezembro e surgiu o ano de 1815 que entrou com mais prenúncios.

O major Gama, lous andava morto por ir para Lisboa e conseguiu colocação na capital; nos começos de Janeiro despediu-se

e seguiu ao seu destino; o Baunazol, capitão mais antigo, assumiu o comando; e dentro seu prazo começou a agitação política.

No dia 15 de Janeiro assumiu o comando do Batalhão o major João Carlos Graueiro Lopes transferido por conveniência de serviços do Reg.^{to} de Infant.^{aria} n.º 28 então na Figueira da Foz. Estava eu, nessa altura, a comandar interinamente o Batalhão porque o Baunazol fôra a Elvas com a família.

O major vinha nervoso. Logo de manhã mandou-me chamar pelo criado do hotel e por uma frega da porta (porque estava em trajos militares) deu-me ordens para a cerimónia da posse, não dispensando qualquer formalidade regulamentar.

Vinha ressaltado como aliás era natural e nada de estranhar.

Em assumir o comando foi quase real. criado como se nós tivéssemos culpa de transferência; e fez alusões políticas circumstantes e fora de propósito. Desagradou-me ao ver que os reaccionários exultavam — e lá sabiam porque.

Ora o caso foi que este major, pouco respeitador das conveniências e dado ao deu-

juarismo, tinha amores com a mulher de um carpenteiro, creio que de Artetharis n.º 2, na mesma cidade. Afirmáram-me que o marido ofendido o apaciguara em flagrante delicto na propria casa, o esfaucára e o jureza na rua em trajes menores.

É claro que isto levantou escândalo na terra; o comandante viu-se obrigado a tratar do caso com o ministro que houve por bem transferi-lo logo para a capital e para o Castelo-Branco.

O caso, mais coisa menos coisa, foi este — que logo correu de boca em boca.

Carria outra versão a respeito da mulher; esta não seria de um carpenteiro de Artetharis mas sim de um mestre sapateiro, um tipo carbonario. Não cheguei a averiguar nem francamente o caso nem a importância.

O essencial é o episodio do adultério que ele, major, mego com firmeza um requerimento que em 25 de mês dirigiu ao Ministro da Guerra pedindo reindicação aos seus actos, alegando ser « vítima de uma infame calunia. »

Seria? Não seria?... Fosse como fosse, o que se dizia era que a transferência

seria o da Carbonaria, que os pargentos da guarnição a injuravam como desagravo ao colega traído, etc. E o facto de entrar no episodio a Carbonaria, exacerbou a má vontade da officialidade que, na perspectiva da ida para a guerra, começou a mexer-se e a agarrar o successo pelos cabelos.

O Crazeiro Lopes era monarchico confesso; logo a transigencia era perseguição da Carbonaria que assim injuncta a sua vontade e se immiscuia em assuntos com que nada tinha.

Este era o tema...

E como tal, o desenvolvimento começou com variações apropriadas — para me servir de tempo e musical...

Tenho presente um recorte dum jornal catolico do Castelo-Branco que dá a noticia da chegada do Major e transcreve comentários de outros jornais da mesma câr que dão lugar a entender que o caso lhes causou supulhos e por isso mesmos procurávanse desvirtua-lo.

O castillo estava lançado; era já difficil evitar que a bomba deflgrasse; mas infelizmente, quer da direita quer da esquerda

não houve a permissão necessária nem o tom seu correspondente.

No quartel sentia-se claramente o fermentar da revolta. Os oficiais não se escediam para comentar os sucessos políticos nem para criticar as personalidades principais do regime; a imprensa do Dr. Manuel de Arriaga era exornada; o jornal A Nação era muito lido e apreciado e o semanario Os Ridículos, contrario ás instituições e sempre com intenção de achincalhá-las, era lido e divulgado com certa boa vontade e gosto.

O quarto do major, no hotel, passou a ser centro de reunião de monarchicos da terra; e no proprio gabinete do quartel, não era raro encontrar certos individuos q. eu mal conhecia e padras, em conversas silenciosas, com ares de mysterio. E quando eu entrava, em serviço, é claro — que cá se que todos faziam!

O ambiente era manifestamente hostil a que o major Grav. Lopes dava bastante impulso e animo — quando no dia 20 de Janeiro, os officiaes dos quartéis da Baía da Ajuda, em grupo, apresentaram-se

ua rua, a caminho do Belem, e entregá-
ram as espadas como sinal de protesto con-
tra a transferencia da injusta pela Poli-
tica. Era uma « paldanhada » pelo Salda-
" nha » commentario João Chagas no seu Diá-
rio, dias depois; « o Brito Carnacho por de-
" tras, escondido como peupre... »⁽¹⁾

A bomba, pois, explodira e, muito na-
turalmente, o estampido espalhou-se pelo
País. Teu do, nesse mesmo dia, pelo 1 ho-
ra da tarde, recebi um telegrama de meu Pai,
com resposta papa, preguntando « como eu
" estou... » — frase que eu colhia preocupá-
ções derivadas das noticias e mais jorivel-
mente dos boatos exagerados que, em regra,
acompanham estes successos.

Mas nesse dia, em Castello Branco, o pos-
sego era completo e pouca gente, mesmo
muito pouca, sabia o que se passava em
Lisboa.

De começo, valha a verdade, a polida-
riedade dada é manifestação da Calçada da
Ajuda, não foi unânime; do proprio regi-
mento de Inf. n.º 28 a que o major pertenceu

⁽¹⁾ Diario, vol. II, pag. 25.

parecia que se hesitou e o comando li-
mitou-se a um telegrama que afirmava
a lealdade ás instituições (graus, me pa-
rece, de que logo se suspeitou das intenções
monarquicas dos manifestantes) e, magis-
tamente a não cooperação com o movimento.
É quiz-me parecer que o major andava
um pouco desorientado sei, como diz o povo,
«de cara á parede.»

Mas o Brito Baucho, talvez sem má
intenção, que ele depois deante de mim, já me
não lembra se de, dava certo animo á su-
da manifestante; queria ele, com tal proce-
dimento, que a reacção contra o governo de-
mocrático de Vitor Hugo de Azevedo Coutinho,
não caísse nas mãos de Monarquicos e fi-
vesse, mais ou menos, com republica.

É possível que fosse boa politica, não
digo que não, mas era perigosa porque, ao
mesmo tempo, dava apoio aos Monarquicos
que dele se aproveitaram com certa intelligen-
cia e, diga-se, com efficacia.

Havia, em tudo, bastante confusão e
hoje sei que nos annos reaccionarios do
exercito, havia verdadeiras resoluções de apro-
veitar o momento p. extraordinario, de vez, a

Republicas. Estas coisas contam-se agora sem rebuço e já as tenho ouvido a alguns officiais, novos nesse tempo, a quem hoje a idade avançada não deixa mentir e a quem a actual situação politica dá carta e boa conformidade.

Parece, o actual ministro da Guerra, o official de Engenharia (pauz erro) Joaquim Basilio Carneira e Sousa de Albuquerque e Castro, antigo professor da Escola do Exército e antigo monarchico, pessoa apazada e bom homem não era creatura para andar com tão estúpeidas barafundas, nem os seus sentimentos republicanos seriam tão fundos e sinceros para o levarem a uma decisão de energia. Não se penduris com a coragem necessaria para isso.

Quiz negociar — o que já era transigir; e mandou uma circular ás unidades perguntando a opinião, isto é: se concordavam com a manifestação feita ou se discordavam.

Esta circular tão estranha e tão reveladora de fraquezas, chegou a Castelo Branco em 24 e o major trav. Lopes reuniu os officiais no gabinete de comando; e, circum-

taucis que notei: deixaram a porta aberta para a sala da secretaria onde trabalhavam os pappeiros que, evidentemente, de arrelha á escuta, deveriam ter ouvido — tanto mais que se percebia bem que alguma coisa no ar...

E aqui começa a comédia-drama... Seriam 12 horas.

O major, plenamente, tomou o seu lugar junto á secretaria; os oficiais, em frente, em semi-circulo, mais ou menos por ordem de antiguidade. Como o Baurazol continuava de licença eu era o mais antigo e, por consequencia, occupava a extrema direita da fila.

Cou ar grave, o Traveiro Lopes começou por ler uma carta do Ten.^{te} Cor.^{te} Julio de Alencar Campos, cheia de frases desagradaveis para com o Governo porque não teve coragem de as dirigir ao Regime e afirmando que o movimento do dia 20 teve a adesão quase completa de todas as guarnições.

Logo a seguir, quase interrompido, pelo o comandante lhe dar a palavra, o Ten.^{te} Ferraz de Carvalho informou, de modo brusco e com pouca convicção, que tiveram infan-

suasções de Estremoz e Elvas e, salvo erro, de Évora, no mesmo sentido, conforme cartas recebidas que mostram mais q. não tem.

Devo notar aqui que o ten.^{te} Fernal de Carvalho falava com António, como se estivesse em sua casa, e não em presença do comandante e de superiores.

Foi então q. o major anunciou a celebre circular da Repartição do Gabinete; começou a lê-la com vapor e por paragrafos, mettendo certos comentários intercalares em dois dos quais affirmava q. o Ministro mentia. O ultimo paragrafo da circular pedis aos officiaes a declaração de concordancia com o movim.^{to} de 20 ou da sua discordancia; e o major, ao acabar a leitura, declarou que já fôra perante o Comand.^{te} Militar do Castelo-Branco (que era o ten.^{te} cer.^{te} Comand.^{te} das Metas Nodoras) affirmar a sua concordancia e, se necessario fosse para a manter, abandonaria o comando do batalhão.

Acabada a declaração, voltou-se para o mais moderado que era o edgostinho Teriso. Tomo e perpetuante-me a offirmação e se o acompanhava na affirmação que fizera perante o comando militar da cidade; o alfarez, acanha

damente, respondeu que faria o que o
comandante entendesse.

O bravo Lopes que não era parvo, antes
pelo contrario, observou-me logo:

— Não, não se trata de fazer o que eu en-
tendo; ha dois carrinhos apenas: eu me acom-
panham ou não me acompanham.

O Crisostomo, então, disse que sim, que
acompanhava o seu comandante; e o mes-
mo disseram o alferes Pasquillo da Fonseca q.
era o ajud.^{te} do Batalhão e o ten.^{te} Ferraz de Car-
valho; o Bargaço, serenamente, declarou que
apenas se solidarizava com o protesto feito
contra a intervenção de elementos civis nos
serviços do exercito — o que suscitou uns
murmúrios nos outros q. anteriormente fal-
raram.

Chepei então a minha vez...
Tive tempo de pensar na resposta. Come-
cei com serenidade por considerações acerca
da Solidariedade — que era coisa que nunca
encontrara no exercito em varias situações da
minha vida quando dela precisei; falei tam-
bem da intervenção de civis na vida militar q.
sendo reprovavel em absoluto era a cause-
quencia da pouca confiança que o exercito me

recis ao regime republicano; e depois de afirmar que a minha discordancia não envolvia nenhumas considerações pelo comandante cuja situação comprehendia, disse que não aderis a manifestação do dia 20 e que não podia concordar em especial por ver á sua frente officiais cuja real vontade do regime era claramente conhecida.

Estas minhas palavras, ditas com possego e com brandura eram por vezes interrompidas bruscam.^{te} pelo Ferraz de Carvalho que se permitia fazer observações que o terceiro dezes, com o seu silencio, consentia.

Quando terminei, o major com gesto de despreso, atirou-me esta involencia:

— Está bem! eu já sabia que o sr. era de «farriga branca!»

Eu, felizmente, não perdi as estribeiras, meias tornei justiça mais militar e disse um certo numero de coisas duras ao homem; disse-lhe que esse apêdo de «farriga branca» era mais para ele, major, com rebate de consciencia e que ele, o causador de toda a barafha, não deveria estar a presidir a umas reuniões em que se discutis a solidariedade que solicitava; disse que, não só pelo acto em si

como pelos antecedentes, a manifestação do dia 20 era puramente um pronunciamento caracterizado monárquico e que não podia de forma alguma aderir. E terminei com qualquer frase de q. que não temeria mais que querer dizer que ele, major, não muito fora da compostura devida a um oficial como eu, de vida limpa, como era fácil provar-se.

O major não respondeu e para terminar com a cena que já ia além do que se esperava, mostrou o telegrama em cifra já feito por os autês com o auxilio do inseparavel Ferraz do Caru, que affirmava a solidariedade do Batalhão. E saíram todos do gabinete com o comandante deixando-me lá só... E claro que fui atrás deles e fui para o quarto do oficial de dia porque estava autês, como tal, á unidade.

Constatou-me que lá fora, na sala de officiais, o bravo Lofes aconselhou a officialidade a virar-me as costas — o que ele, de facto fez pois daí a pouco notei bem que me evitavam. E no Conselho Geral ainda se tinha de trabalhar, o ten. Dias Barbas disse-me, em voz baixa, que os outros o ameaçavam.

nao por ele nao se ter mostrado completamente solidario e por se recusar a cortar as relações comigo.

E aqui está como tudo se passou, contado pelo meu má vontade; já lá vão 45 anos e o mundo tem dado muita volta e os rios tem deixado correr muita agua para o mar...

O dia seguiu como de costume; á tarde, antes da ardem, como capitão mais antigo, fui levar a correspondencia para assinar ao comandante; as palavras trocadas foram apenas as necessarias e depois do toque da ardem fiquei só e com vapor para meditar nos successos que foram, na verdade, de certa importancia.

Nessa mesma tarde, escrevendo a minha mulher dizia: « Os officiaes daqui, cautelosamente, dizem que se solidarizam, mas não passam dessa affirmacão platónica; eu fui o unico que definiu a sua attitude — o que parece ter espantado todos. Eu ando sempre ao contrario de toda a gente... »

Depois do recolher, ao passar a ronda ao quartel, a seguir ao toque do silencio, notei na sala dos sargentos, no pavimento terreo, animação anormal; aproximei-me

para verificar, quando o carpenteiro-ajudante, que me viu, se me dirigiu e me disse com certo ar exaltado que a corporação dos carpenteiros se indignara com o que me fizera e estavam ali prontos para me acompanharem se necessário fosse.

Chamei-o ao quarto do oficial de dia e fiz-lhe ver o inconveniente dessa atitude que eu agradecia como homem, mas não podia consentir como capitão, deixais a mais de serviço ao quartel; aconselhei e retiraram-se para suas casas e acataram-se dentro da disciplina; o contrario seria agravar a situação em geral e a minha em particular. Ele concordou e daí a pouco eu vi que saíram todos os que tinham residências fora.

Nessa noite não dormi, acabei sempre a pé e lembro-me de que rapei um frio dos demônios porque se apagára a braseira e não quiz chamar ninguém.

É já agora não fecho o relato do dia 24 sem contar um episódio que define bem o ambiente.

Estava determinado, oficialmente, e claro, que o oficial de dia juntasse em sua casa e durante esse tempo, um outro ficasse no

quartel com a bandeira (sinal, ao tempo, de serviço); como os oficiais eram poucos eu trocava com o tenente Dias Barpão como meu superior durante muito tempo; quando este estava de serviço eu ia ao quartel e ficava por ele enquanto ia jantar.

Um dia me disse que não deveria ir jantar ao hotel para não comprometer o Barpão; mas este insistiu e á hora própria appareceu no quartel e quase me ia olhando a ir comer á hospedaria.

Quando cheguei á sala de jantar, o Cavalleiro Lopes já estava a jantar com o visconde de Ferraz de Carvalho; notei que á minha entrada eles cochichavam e brevemente o tenente levantou-se e saiu. Logo que me calculei logo o que seria. De facto, daí a um bocado, o tenente voltou e ao sentar-se á mesa disse em voz baixa mas que eu ouvi:

— É o Barpão.
O tenente fora ao quartel verificar quem seria o traidor que ficava em meu lugar.

Logo que se descobriu a verdade, foi este o principal papel. O dia 25 avianheceu

chuvoso; e com a noite passada eu claro e com frio de rachar, caestifei-me. Quando entreguei a parada do guarda ao puzes-pôr que me não falou e resumiu as suas relações comigo numa condinencia mais ou menos regulamentar, saí do quartel com uma ponta de febre e fui para o meu quarto recolhido a dar parte de doente.

De facto, meti-me na cama, onde fiquei, e mandei pedir ao medico p.^o que eu queria. Este era o Dr. Antonio Lopes Russo, medico civil que fazia serviço nas unidades da guarnição. Conhecia-o bem das cavaguiças da farmacia do Mourato Grande; era um netto republicano e filiado nos democraticos de modo que nada tinha a recear.

Quando appareceu, solicitô, contou-me que na vespere á tarde e á noite, o meu caso se espalhára rapidamente pela cidade e causou certa reusação. É claro que as opiniões, conforme a politica de cada qual, se dividiram; mas, dizia ele, só os resccionários me censuravam pela « falta de lealdade » para com os camaradas. Duma maneira geral, a minha opinião, no caso, foi bem vista — tanto mais que eu era conhecido

um piuceiro «carnochista» com certa importância no partido.

Quanto á parte de doente, o doutor garantiu-me que a despatchava favoravelm.^{te}; que me deixasse estar no quarto uns dois dias, receitou algumas coisas e foi-se embora.

Dai a pouco mandei pelo soldado impedido uma participação de que o meu estado de saúde me não permitia comparecer no quartel e um requerimento dirigido ao General Comand.^{te} da Divisão solicitando uma audiência aos meus actos.

O requerimento fica já aqui para tua leitura...

«Ao. ^{meu} Sm. Gen.^{al} Com.^{te} da 7.^a Divisão do Exército — Belisario Pimentã, capitão de 6.^a comp.^a do Regimento de Infant.^a n.^o 21, tendo percebido que os officiaes deste Batalhão e bem assim os do Grupo de Metralhadoras n.^o 7, desde as 13 h. de ontem evitavam a sua presença; e tendo verificado depois que deixaram de lhe falar quase todos; e sendo certo que tal facto só deve ser motivado por questões de dignidade e, portanto, os officiaes desta guarnição tiveram certamente, razões poderosas para o fazer;

mas como é também certo que ele não jurou
 ficou acto algum que em sua consciência des-
 rrija de indigno e desejando que tal situa-
 ção se esclareça para evitar falsas interpreta-
 ções, e embora naturais — Vou rogar a V. Ex.^a se
 dignar ordenar uma reindicação aos seus actos
 de militar e de cidadão, a fim de que se defi-
 nam responsabilidades e elas não a quem de-
 veu tocar. — Quartel em Castelo-Branco,
 25 de Janeiro de 1915. — (a) — B. P. capitão.»

Sobre a tarde, pelas 2 h. e meia, chegan-
 me um telegrama de minha Mutter que ao re-
 ceber a minha carta da vespera se lembrou
 de me dizer: «Recebi carta erro grande» —
 não sei se imaginando que a minha resolu-
 ção tivera arripem em calculos interesseiros.
 A permanentemente incompreensão!

Nesse mesmo dia, do comando do Ba-
 talhão foi mandado para o Quartel-General
 em Tomar, um telegrama cifrado, certam.^{te}
 resposta a qualquer consulta; esse telegrama
 me alarmou meu Pai porque então as li-
 nhas telegraficas do Cast.^o Branco para Tomar
 passavam por Coimbra; e como no telegrama
 em cifre aparecia o meu nome, o meu

pregado que fez a transmissão copiou-o e foi mostra-lo ao seu director que me remetteu uns dias depois p.^o me explicar o que houve.

O telegrama vale a pena ficar aqui, já agora que estão jermensurizando tanto quanto possível os acontecimentos

« Para Tomar - de C. Branco - N.^o 800 - Palavras 79 - Em 25 ás 12, 21. - Chefe C. Major 7.^o Divisão. Tomar = Inferno U. L.^o. que em resposta me. 10 nota 111 repartição gabinete foi comunicado secretaria guerra o seguinte que 52536 & 43111 & este 19966 31812 capitão Belisario Pimentel declararam de 51069 & como 16886 19728 & 34853 Lisboa 46866 24066 sua 46376 reconhecido como foi que 41887 não tinha. »

O que haverá naqueles números? Na ocasião não me era possível sabe-lo e agora muito menos.

Nem vale já a pena mexer em parca-rias. O telegrama fica como curiosidade e nada mais. Alguem especialista de criptografia que o decifre

E para Lisboa, mandei eu dizer em carta a m.^{te} Mulher, em resposta ao telegrama que recebera e classificá-lo de erro o meu procedimento: « Teus razão, foi um "erro grande [...] & é possível que um "exarável fatalidade me arrasté sempre para estes declives; mas tem de se cumprir a "fatalidade... » etc.

Na verdade era erro não aderir exactamente quando a tropa ia vencer a demanda em que se metera.

Nesse dia 25, á noite, (disseram-me dias depois) os democráticos com os sargentos quizeram fazer-me uma manifestação pacata de solidariedade — o que era, sem qualquer dúvida, uma tremenda asneira; no quartel soube-se disso e a officialidade correu ao Governo Civil a afirmar ao Governador que, se se realizasse essa manifestação, a guarda tomara-ta-cas como provocação e tomaria as medidas convenientes.

Felizmente nada se fez; mas o projecto, se de facto o houve, teve a vantagem de me dar certa força e de mostrar aos colegas que não estava tão só como poderiam pensar.

Ainda nesse mesmo dia, á tarde, recebi pelo correio uma carta do José Martins Carneira, capitão do Grupo de Metralhadoras de quem já aqui falei. Como é frequente deixo-a aqui transcrita: está feita com inteligência e . . . jesuitismo:

« Ilustre Camarada — Os officiais do 2.º Batalhão do 21 e os do 7.º Grupo de Metralhadoras consideram como singular a sua attitude de hoje num caso de vacancia imparcencia para o nosso prestigio. Por este motivo os mesmos resolveram guardar para sempre esta attitude as relações simplesmente officiais. — Como me tornei solidario com os meus camaradas e desejo manter o decôr da situação que criei (verso) assim lhe communico com toda a lealdade e a maior franqueza. — Sentindo esta nossa discordancia de ideias, sou com respeito, at.º v.º, camarada e oblig.º — (e) José Martins Carneira. »

Encontrámo-nos depois, 43 anos passados, nos estágios para o generalato; logo que deu comigo falou-me affectuosamente

como velho amigo e como modo linearso ha-
vido entre nós de desagradavel.

Neste entremetês o meu condiscipu-
lo Saulo Barazol regressou de Elvas;
pensato como era, converrou os officiais pe-
la cêna do dia 24 e, apesar da presença do
Crav.º Lopes, continuou nas melhores relações
comigo, comendo á mesma mesa no hotel,
e sempre companheiro leal. Disse-me que
em conversa com o major fez-lhe ver, por
boas palavras, a incorrecção e a intoleran-
cia do procedimento havido para comigo e
afirmou-me que, se ele estivesse presente,
as coisas não se passariam como passaram.

É quero crer que assim fosse porque o Ba-
razol era homem de energia e capaz de se im-
por. Foi para não estar e as coisas desca-
baram no que se viu.

Nesta altura, o Costa Ferreira que era ami-
go e patricio do Adolfo Cesar Dina, ten.º coro-
nel do Exército, e então chefe do gabinete do
ministro Dimentado do Castro que, em virtude
dos acontecimentos subira ao poder ⁽¹⁾ ditato-

(1) Em 28 de Janeiro, a seguir á queda do

riamente, o Costa Ferreira, dizia eu, escreveu-me a perguntar o que é que eu queria. Respondi que conseguisse que fosse chamado a Tomar, á sede da Divisão, enquanto se não resolvesse o meu destino pois que evidentemente, eu não podia continuar em Castelo-Branco.

Mas não fui chamado á sede da Divisão porque o meu commandante o Gen.º Jaime Leitão de Castro, não quis. Depois fui informado; como também fui informado de que no meu requerimento foi lançado um escripto despacho que me punha com cinco dias de prisão disciplinar para cumprir em Elvas.

E assim, esperando o que poderia vir conservar-me no hotel saindo apenas, se o tempo deixava, a um pequeno jardim que tinha a casa, eu a uma varanda de onde se descolriam as parras, ao norte, cobertas de neve, a brilhar ao sol quando este se dignava aparecer. A Guardunha, a da Gata, em Espauha, e até o muro do Mousauto for-

Ministério de Vitor Hugo de Azevedo Coutinho
no dia 25.

meuam um belo espectáculo para mim
quase novo.

Nos primeiros dias de reclusão tive mui-
tas visitas; os republicanos da terra foram
amáveis se bem que, com essa amabilidade,
me comprometiam um tanto ou quanto -
já se a espiagem se deveria dar conta disso.
E a Coimbra com certeza chegarão quasi-
que zuns-zuns porque meu pai mandou-
me segundo telegrama com resposta para
perguntando como eu estava, ao que respon-
di, ás 15 h. e 20 m. dizendo: «Boatos falsos,
"nada novo escrevo.»

Parece que constou que eu fôra preso
por ter chamado Talassa ao Cavalleiro Lopes...
Não o calunias, é certo; mas era coisa que,
evidentemente, eu não fazia. A cêna do dia
24, embora eu me exaltasse um pouco, cor-
reu dentro das formulas mais ou menos
regulamentares.

O que eu não percebi, apesar do ambien-
te não ser calmo, foi uma quase manifesta-
ção da officialidade da guarnição na noite de
29; informáram-me no dia seguinte que,
em grupos, os officiaes andáram pelas ruas de
cidade, até tarde, como quasi suspeita de

coisa grave. O Sr. António Barroso não foi chamado para isso e só o conhecemos no dia seguinte.

O que haveria? Seria simplesmente manifestação de força? Ou consequência de qualquer boato alarmante?

Fosse o que fosse — a minha vida continuava dentro de abarrecida monotonia; aos poucos ia redigindo e compondo uma exposição que não sabia bem a quem dirigir, na qual narrava os sucessos a que me referi acima e fazia um ou outro comentário mais ou menos acusatório.

Encerrei-a em 28 de Janeiro e ficou, afinal, guardada sem levar destino.⁽¹⁾

E foi melhor assim.

Com a saída para Lisboa do major Graçioso Lopes a minha vida modificou-se um pouco. Em 30, à noite, foram para Lisboa chamado amavelmente para me darem o que me parecia — o de comandante da Polícia de Macau. Lá, porém, fiquei livre da sua presença no hotel e passei a ter um pouco mais de liberdade.

⁽¹⁾ Ficou no vol.º da Vida Militar

Deu-se até o caso que causou certo escândalo em Castelo-Branco: o jornal republicano da terra Notícias da Beira publicava em 31 de Janeiro uma entrevista co-nheço, na prim.^a pagina, para dar nas vis-tas e puxar á discussão.

Fui eu quem a escrevi por instâncias de Eurico Sales Vianna que pontificava no jornal. Ele, que me visitava a respeito su-geriu-me a entrevista para arreliar os au-tros e também para valorizar a gazeta que desejava tomar posição no caso; fez-se logo o projecto e tirante as acaucias palavras a meu respeito, a prosa é toda minha.

Saiu no n.º 530 de 31 de Janeiro. Era di-rector do folha o professor do Liceu Dr. Gastão Carneira Mendes, velho republicano do meu tempo de Coimbra e agora pertencente ao Ban-rido Republicano Parbypues ou seja aos demo-craticos. Vim a saber que a entrevista foi lida e comendada nos centros de cavagreira; po-reu não provocou reacção dos reaccionarios locais. Passou em julgado, para não irritar mais os animos...

A verdade é que, nos poucos dias que tinha o governo do Gen.^{al} Pimenta do Castro

via-se bem que a situação criada não es-
tava muito firme e vivia num ambiente
de constante suspeição. Era necessário,
pois, não exagerar os entusiasmos e deixar
carrar, um pouco, o marfim...

Apenas em Castelo-Branco um jornal
católico O Beirão que tinha por sub-título
Deus e Pátria, no seu n.º 133 do mesmo dia
31 de Janeiro deu uma notícia relativa à tal
manifestação de que se is pseudo ato, « um
"sr. capitão (diz o noticiário) cujo nome nos
"esqueceu e agora não queremos indagar de
"novo... » A notícia estranha que assim
se pensasse « quando toda a gente levou a
"solidariedade dos oficiais que se esqueceram
"das suas opiniões políticas para só se lembrá-
"rem de que eram camaradas dos que na ca-
"deia experimentam... etc. » (1)

Uma amabilidade dos senhores padres
para comigo.

Até os dias passaram e eu sempre
à espera de notícias, sem saber o que faria
de mim, até que cheguei ao dia 6 Fevereiro

(1) Guardei o recorte, assim como a entrevista,
na 1.ª colecção de recortes.

aiuda com alguma neve a cair em flocos e com frio desagradavel.

Na vespera, o Costa Ferreira telegrafou-me com a noticia de que iria para Lapos; e minha Truia, confirmando o telegrama dizia-me em carta recebida nesse dia 6 que houve imposição da officialidade revoltada para não ir para Coimbra, mas sim para outra qualquer parte.

Ainda nesse dia 6, á tarde, o Bauazol mandou-me, do quartel, o bilhetê seguinte acompanhado dum telegrama official. O bilhetê dizia:

« Meu caro D. Duarte: — Deabo de receber este telegrama. Diz'je se te queres apresentar hoje ou se inferno de que estás doente em casa. Como descalçar esta bota? — Teu cam.^{da} am.^o (a) João Bauazol. »

O telegrama que vinha junto era o seg.^{to}:

« Covilhã em 6. 12 h. 40 m. Comandantê do 2.^o Batalhão. — Castelo-Branco — Urpentê. — Em virtude ordem superior manda apresentar immediatamente capitães B... P... em

Infantaria 33. Se não poder conferir quis
primeiro transporte informe esta via. — O
mau^{te} Inf.º 21 — (a) Portugal da Silveira,
maior. »

Pareceu-me que o Bazazol ficou atra-
pado apesar de ser creatura dessecurada;
escrevi-lhe logo um bilhete dizendo que me
apresentaria no dia seguinte e que respondes-
se ao telegrama só depois de eu me apresen-
tar; ele achou a solução razoavel e assim
fiz evitando-se a complicação duma caixa ao
hospital e mais parinhos que daí viriam.

No dia seguinte, 7 de Fevereiro, apresen-
tei-me no Batalhão logo de manhã; o Baz-
zol telegrafou para a sede do regimento dando
conta do facto e informando de que me confe-
riu quis de marcha — e assim tudo correu
sem novidade.

Estava, pois, livre de Castelo-Branco e ia
para o Algarve que me pareceu ser, nessa al-
tura, o Paraíso.

O Noticias da Beira, o jornal dos demoera-
ticos onde saiu a entrevista a q. acima me
referi, noticiou logo a transferencia com pala-
vas amáveis; e informou ironicamente

de que, de certo, se iria dar outra manifestação de solidariedade « visto que estamos "em tempos solidários..." »

Tratei de fazer as minhas despedidas e as malas; e ficou assente com o Bauzasol que me daria o itinerário para o dia 8. e para o comboio da manhã.

Nessa noite de 7, no hotel, tive a visita dos republicanos com quem me relacionei que, dadas as circunstâncias, quiseram manifestar a sua simpatia; depois, conversei até tarde com o juiz dr. Leitão, com o delegado, dr. Bento do Carvalho e o Bauzasol; despedi-me das boas senhoras donas do hotel e recomendei ao impedido que me apparecesse à hora necessaria para acompanhar à estação o homem da bagagem.

E assim, com tudo arrumado e as contas todas pagas, deitei-me na cama com satisfação e dei corda ao despertador.

Mas não dormi.

Poucas horas, até, teria para isso; a ida para a estação seria ainda de noite; mas a recapitulação dos quase tres mezes do Castelo-Branco ~~deu-me~~ deu-me alimento para a insónia e para comentários.

Fiz a revisão dos meus serviços no Batalhão onde trabalhei com lealdade e seriedade e prestei toda a atenção ao comando de Campanhia onde, em matéria de disciplina, não tive razões de queixa.

As punições não passaram de uns poucos dias de detenção e 7 guardas distribuídos por varios soldados, cuja redacção deixei arquivada no outro volume.⁽¹⁾

No Conselho Eventual fui um auxiliar a pedido do Tenente Dias Bargas que, com outros capitães (dizia ele) o serviço caia - lhe todo em cima.

As relações com os officiaes foram correctas até ao celebre dia 24; e com os civis também sempre foram perfectas e não quero esquecer o medico Dr. Gardete Martins Director e creio q. um dos doentes das aguas de Montezinho (curado em começo) que era cauchista e deu para sympathizar comigo.

Tudo corria muito mal á espera da utilização da tal Divisão Auxiliar que deveria ir para França commandada pelo Jaime Leitão de Castro e que os honores da entrega das es-

⁽¹⁾ No m.^{to} cit.^o vol. de Vida Militar.

padas na Calçada da Ajuda, deram em aguas de bacalhau. O Braveiro Lopes escaupathou os planos e ali estava eu, ao virar-me na cama, incapaz de dormir, a pensar em tudo isto e ainda no que viria a per a minha vida em Lopes.

Mas ao meus considerava com certa satisfação e, não me lembro já se cou alguma vaidade, que cheguei para eles e que a posição que tomei na barafunda lhes deu que fazer e algumas dores de cabeça.

Enfim, o despertador tocou; vesti-me; estava muito frio e choriscava; o impedido^(a) veio com o tapageiro; descemos as escadas do hotel com cuidado para não acordar os hospedes e lá fomos, os três, ruas fora, até à estação — onde já estava a minha esfera, o Eurico Sales Viana.

Encarejava. Encarepei o Viana pela ida aquella hora e com madrepada de tal ordem. Disse adeus ao impedido e quem gratifiquei generosamente^(a) e depois do abraço ao Sales Viana vesti-me na carruagem e o comboio abalou. Puxei dum termómetro pequeno que levava na maleta: marcava 2 graus abaixo de zero.

(a) Era um rapaz, chamava-se José Maria Lino, exat. el do Ninho do Açor, Tinalhas. Lauradão.

O comboio caminhava por entre chuviscos frios, opacos, que nada deixavam ver para trás; e assim se regiuu quase até perto de Alferrarede onde o sol appareceu, rompendo a névoa e fazendo brilhar os terrenos escharcados.

Leuclero - me de que na estação de Alferrarede, e assistir ao carregamento de palha empilhada num comboio parado em linha de resguardo, estavam dois sujeitos bem vestidos, com belos casacos de golas de pele, polainas nas pernas, a dar ordens soberanamente para a direita e para a esquerda; seriam certamente dois ricos que, indifferentes ao frio porque os agasalhos não o deixavam passar, dirigiam idas e vindas de filas de escravos carregadores.

Este quadro impressionou-me e nunca me esqueceu; ao fim de 46 anos ainda o tenho presente.

No Entrocamento cheguei a tempo de apauhar o rapido para Lisboa. Nessa epoca, com a escassez de combustiveis, os comboios foram reduzidos e o meu itinerario mandava-me descer no Setil, seguir o ramal de Ceruche - Vendas Novas e aqui esperar o com-

bois da noite para o Algarve. Deste modo, seguindo no rapido f.^o Lisboa, ia ver a familia e á noite tomaria o comboio no Barreiro, com boio que teria de esperar pacientemente em Vendas Novas.

E foi o que fiz.

No rapido, se me não expauro (ou talvez ainda na carruagem da Beira-Baixa) encontrei-me com o Alfredo Balduino de Seabra, creio que já ten.^{te} car.^o ou coronel do Estado-Maior, influente carnachista em Alentejo porque casara com uma senhora de certa idade muito rica. Era deputado e «pessoa de importância» ou de premeiras como hoje se diz, em calção fino.

Quando dei comigo, ao entrar no compartimento, tive a impressão de que me não falaria; mas reconsiderou e fez-me o favor de magestosa e magistralmente me estender a mão. Já sabia da m.^o transferência e perguntou-me se ia, realmente, para Lagos; e com ares de conselheiro e parvendo o fumo dum rico charuto (o dinheiro da melhora dava bem para isso...) quase me repreendeu pela minha atitude anterior no caso da manifestação chamada das espadas.